



Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo
do Ensino Básico

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação
de Paula Frassinetti para obtenção do grau de Mestre em Educação
Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

**A SIMBIOSE DA EDUCAÇÃO - APRENDER A
ENSINAR, APRENDER A APRENDER EM
EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO
1º CICLO DO ENSINO BÁSICO**

Mestranda:

Diana Filipa Silva Moreira

Orientadores:

Mestre Pedro Miguel Bastos Ferreira

Julho 2013



Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo
do Ensino Básico

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação
de Paula Frassinetti para obtenção do grau de Mestre em Educação
Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

**A SIMBIOSE DA EDUCAÇÃO - APRENDER A ENSINAR,
APRENDER A APRENDER EM EDUCAÇÃO PRÉ-
ESCOLAR E ENSINO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO**

Mestranda:

Diana Filipa Silva Moreira

Orientadores:

Mestre Pedro Miguel Bastos Ferreira

Julho 2013

RESUMO

O presente relatório enquadra-se nos estágios do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico.

Durante esta prática pedagógica na valência de Educação Pré-Escolar e 1ºCEB, a mestranda procurou saber sempre mais sobre educação, através de perspetivas teóricas, documentos institucionais e, ainda, através de alguns instrumentos e técnicas pedagógicas. Neste relatório são abordados alguns temas imprescindíveis na prática docente. O ato de observar, planificar, agir e avaliar fazem parte de todo um processo complexo do papel desempenhado por um docente.

Por fim, toda esta prática educativa foi potenciadora de crescimento e desenvolvimento profissional como futura educadora/professora. Assim, numa fase final do relatório, a mestranda apresenta uma reflexão sobre o balanço de toda a sua intervenção educativa.

Palavras chave: Educação Pré-Escolar; Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico; Estratégias educativas; Intervenção Educativa

ABSTRACT

This report is part of the Stage Master of Pre-school Education and Primary Education.

During this pedagogical practice in the valences of Pre-school Education and Primary Education, the stage student sought to know more through theoretical perspectives, institutional documents and also through some tools and teaching techniques. In this report are addressed some essential topics in the professional practice of a teacher. The act of observing, planning, act and evaluation is part of the whole process of complex role of a teacher.

Finally, all this educational practice was growth-enhancing and professional development as a future educator / teacher. Thus, in the final phase of the report, the stage student presents a reflection on the final balance of the entire educational intervention.

Keywords: Pre-School Education; Primary Education; Strategies; Educational Intervention;

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a toda a gente que me ajudou a tornar este sonho possível.

Agradeço aos meus pais, por toda a dedicação e força que me deram, sempre acreditaram que eu seria capaz e foram, sem dúvida, a minha maior força para que conseguisse chegar até aqui.

Obrigada, ao meu Supervisor de estágio Pedro Ferreira, por toda a dedicação e encorajamento e palavras sábias.

Obrigada à Educadora e Professora Cooperante por tudo que me ensinaram, pela forma como receberam e me fizeram sentir parte da equipa pedagógica.

Obrigada, a minha amiga Ana Sofia por me ter acompanhado em todo o meu percurso académico, sabendo criticar e elogiar no momento certo.

Obrigada as minha três melhores amigas, Maria Inês Santos, Alexandra Santos e Tatiana Inocêncio por toda a amizade, por todos os momentos que vivemos juntas, por toda a paciência e ajuda que me deram nesta caminhada.

Obrigada a todos os meus amigos pelos momentos em que me ouviram, pelas noites de estudo, pelas conversas de encorajamento.

Obrigada a todos, sem vocês não seria possível.

MUITO obrigada a todos!

ÍNDICE GERAL

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO | 11 |
| 1.1 Educação | 11 |
| 1.2 Conceção de Educação Pré-Escolar | 12 |
| 1.3 Conceção do Ensino de 1ºCiclo do Ensino Básico | 13 |
| 1.4 Papel do Educador | 14 |
| 1.5 Papel do Professor de 1ºCiclo do Ensino Básico | 15 |
| 1.6 Professor Generalista | 16 |
| 1.7 Modelos Pedagógicos | 17 |
| Modelo High Scope | 17 |
| Metodologia de projecto | 18 |
| 1.8 Pedagogias Educacionais | 18 |
| 1.9 Métodos Pedagógicos | 19 |
| 1.10 Diferenciação Pedagógica | 20 |
| II. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO | 22 |
| 2.1 Tipo de estudo | 22 |
| 2.2 Participantes de estudo | 23 |
| 2.3 Procedimentos Metodológicos / Instrumentos de recolha de dados | 23 |
| III. INTERVENÇÃO | 26 |
| 1. Caracterização dos Contextos de Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico | 26 |
| 1.1 Instituição | 26 |
| 1.2 Caracterização Sociocultural das crianças/alunos | 29 |
| 1.3 Caracterização Teórico Real das crianças e alunos | 30 |
| Criança com Necessidades Educativas Especiais | 34 |
| Intervenção no Contexto de Educação Pré-Escolar | 35 |
| 2.1 Observar | 35 |
| 2.2 Planear/Planificar | 37 |
| 2.3 Agir/Intervir | 39 |
| 2.4 Avaliação dos processos Ensino - Aprendizagem | 45 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 48 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 53 |
| LEGISLAÇÃO | 55 |

ÍNDICE DE ANEXOS

- Anexo 1 - Planificações
- Anexo 2 - Registos de Observação
- Anexo 3 - Grelhas de Observação
- Anexo 4- Projetos
- Anexo 5 - Ficha Formativa
- Anexo 6 - Caracterização dos grupos - família
- Anexo 7 - Curricular
- Anexo 8 - Reflexões
- Anexo 9 - Avaliações das atividades
- Anexo 10 - Fotografias

ÍNDICE DE SIGLAS

- AEC's - Atividades Extra Curriculares
- EE - Encarregados de Educação
- EPE - Educação Pré-Escolar
- EB - Ensino Básico
- LBSE - Lei de Bases do Sistema Educativo
- 1ºCEB - 1º Ciclo do Ensino Básico
- ME - Ministério da Educação
- MEC - Ministério da Educação e Ciência
- OCEPE - Orientações Curriculares de Educação Pré-Escolar
- PAA - Plano Anual de Atividades
- PE - Projeto Educativo
- RI - Regulamento Interno

INTRODUÇÃO

O presente trabalho insere-se no Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.ºCiclo do Ensino Básico, mais precisamente no estágio I, em Educação Pré-Escolar e Estágio II em 1.ºCiclo do Ensino Básico.

A concretização deste trabalho vem na sequência da realização dos dois estágios, onde se foi desenvolvendo a intervenção educativa da estagiária, com o propósito de ensinar mas, acima de tudo, de aprender.

A prática profissionalizante implica determinados objetivos a atingir como: perceber como as instituições se organizam de forma a cumprir e respeitar os ideários e valores; conhecer os grupos de alunos de forma a utilizar métodos, técnicas que promovam o desenvolvimento das suas aprendizagens, quer intelectuais que cognitivas; perceber a forma como se observa, reflete, planifica, intervém e avalia. A escolha do título do relatório vem na sequência do aprender a observar, a refletir, a planificar, a intervir e avaliar. No decorrer de ambos os estágios, procurou-se sempre transmitir aprendizagens significativas para que as crianças/alunos se desenvolvessem, no entanto, o melhoramento da prática da estagiária deve-se aos momentos de aprendizagem quer com os grupos, quer com as equipas pedagógicas. Na perspetiva da estagiária, todo este percurso fez com que percebesse que no mundo da educação existe uma perfeita troca de saberes, por isso, o título do relatório passa por : *A simbiose da educação - aprender a ensinar, aprender a aprender na Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico.*

A estagiária, ao longo dos dois estágios, teve que mostrar capacidade de conhecer métodos e aplicá-los de forma a promover aprendizagens; promover atividades de forma a captar a atenção dos Encarregados de Educação para a participação no desenvolvimento da criança; recorrer a metodologias de intervenção para analisar e compreender as práticas educativas; reconhecer a continuidade pedagógica da EPE e do 1ºCEB, valorizando deste modo o profissional docente generalista, por último, comparar as duas valências que se mostram tão diferentes e, ao mesmo tempo, tão iguais. Esta ambivalência será explicada durante este relatório.

Assim sendo, este relatório está estruturado da seguinte forma: Introdução; Capítulo I - Enquadramento Teórico onde são expostas perspetivas teóricas acerca da Educação Pré-Escolar e 1ºCEB; O Capítulo II- Procedimentos Metodológicos, referindo o tipo de estudo, os sujeitos de estudo e, ainda, os procedimentos e

instrumentos utilizados ao longo de todo o estágio; o Capítulo III- Intervenção educativa, onde é descrito o funcionamento da instituição em causa com base na análise de documentos institucionais. É também exposta a caracterização do grupo onde foram utilizados documentos como as fichas individuais dos alunos. Por fim, neste capítulo é referida a prática educativa onde se explora individualmente o ato de observar, planear, agir e avaliar; Considerações finais, onde se realiza uma conclusão de toda a prática educativa realizada pela estagiária; Bibliografia.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Ao longo deste capítulo serão expostas diversas teorias que fundamentam o que é a Educação, qual a conceção de Educação Pré-Escolar bem como a conceção de 1ºCiclo do Ensino Básico. Consequentemente importa referir o papel de um educador e de igual modo o papel do professor de 1ºCiclo do Ensino Básico. Uma vez que a estagiária se encontra num Mestrado que confere habilitação para a profissionalização generalista, são expostas algumas teorias que explicam o que é ser um professor generalista. São mencionados os modelos pedagógicos conhecidos na educação, salientando os que foram utilizados em ambos os estágios. São referidas as Pedagogias Educacionais bem como os métodos de ensino que existem no processo de aprendizagem. Por fim, como será abordado ao longo do relatório, existiu da parte da estagiária a atenção necessária no que respeita à diferenciação pedagógica, assim, serão expostas algumas teorias acerca do mesmo.

1.1 Educação

[...] A tarefa de educar a juventude é demasiado importante e complexa para ser deixada inteiramente à mercê dos progenitores ou das estruturas informais de tempos passados. A sociedade moderna necessita de escolas dotadas de professores especializados que estejam aptos a ensinar e a socializar as crianças [...] (ARENDS; 1995:1).

Como foi referido por ARENDS, a educação é algo de extrema importância no desenvolvimento de um cidadão e, por isso, a partir da entrada em vigor da Lei nº46/86 de 14 de Outubro foi possível estabelecer, no nosso país, o quadro geral do Sistema Educativo Português. Com este sistema foi então definido que *Todos os Portugueses têm direito à educação e à cultura* (Art.º2, nº1). Como a educação é um direito de cada cidadão, o sistema educativo

[...] responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho (Art.º2, nº4).

Segundo Kant, *o homem não se pode tornar homem a não ser pela educação. Ele não é senão o que a educação faz dele* (1989:69). O termo educação está cada vez mais presente na sociedade uma vez que *ocupa cada vez mais espaço na vida das pessoas à medida que aumenta o papel que desempenha na dinâmica das sociedades modernas* (Delors, 2000:89).

Importa referir que a Educação ultrapassa o âmbito escolar e, de acordo com Sarramona (1989), trata-se de um processo entre duas ou mais pessoas que permite ao homem alcançar as metas pré definidas. O presente autor salienta ainda que este processo é permanente e inacabado, isto é, um processo que se prolonga para toda a vida. Assim, como forma de dar resposta à necessidade da educação na sociedade, segundo o autor Delors, a Educação organiza-se em quatro pilares fundamentais sendo eles: *Aprender a conhecer* que permite *trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias*; *Aprender a fazer* que prende-se com *competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e trabalhar em equipa*; *Aprender a viver juntos* que se relaciona com a *capacidade de compreensão do outro e a percepção das interdependências*; e, por fim, *Aprender a ser* que está implícito no desenvolvimento *da personalidade, da autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal* (Delors, 2000:88).

1.2 Conceção de Educação Pré-Escolar

A Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar estabelece como princípio geral que "a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário (OCEPE 1997:15).

O Ministério da Educação, em 1997, deu a conhecer um documento designado por Orientações Curriculares de Educação Pré-Escolar que é constituído por *um conjunto de princípios para apoiar o educador nas decisões sobre a sua prática, ou seja, para conduzir o processo educativo a desenvolver com as crianças* (OCEPE,1997:13). Como é mencionado pelas OCEPE, este documento é apenas uma linha orientadora para um educador, uma vez que não existe um currículo fixo a ser seguido tal como é exigido no Ensino Básico, como irá ser explicado mais à frente. Neste documento são apresentados os objetivos pedagógicos definidos para a Educação Pré-Escolar, como:

a) Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspetiva de educação para a cidadania; b) Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência como membro da sociedade; c) Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem; d) Estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, inculcando comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas; e) Desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do

mundo; f) Despertar a curiosidade e o pensamento crítico; g) Proporcionar à criança ocasiões de bem estar e de segurança, nomeadamente no âmbito da saúde individual e coletiva; h) Proceder à despistagem de inadaptações, deficiências ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança; i) Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade (OCEPE,1997:15)

No entanto, recentemente, foram lançadas pelo Ministério da Educação e Ciência as Metas Curriculares, a colocar em ação a partir do ano 2013, que são postas em prática a partir da Educação Pré-Escolar. Este documento encontra-se dividido por ciclos ao nível do Ensino Básico, contudo, ao nível da EPE, são apresentados os objetivos cuja aquisição é esperada no final da EPE. Segundo o despacho nº 5306/2012 de 18 de Abril,

a definição destas Metas Curriculares organiza e facilita o ensino, pois fornece uma visão o mais objetiva possível daquilo que se pretende alcançar, permite que os professores se concentrem no que é essencial e ajuda a delinear as melhores estratégias de ensino (p.13952).

1.3 Conceção do Ensino de 1ºCiclo do Ensino Básico

No que respeita ao 1ºCiclo do Ensino Básico, a lei nº49/2005 de 30 de Agosto refere a gratuidade e obrigatoriedade da frequência na escola, das crianças em idade escolar para *assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses [...] promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social* (Capítulo II, Secção II; Subsecção I: Artigo nº7,a) .

No que respeita às Metodologias Curriculares para o 1ºCEB existem alguns documentos normativos. A partir do documento Organização Curricular e Programas, Ensino Básico - 1ºCiclo (ME,2004), os professores têm uma série de objetivos a seguir que devem ser atingíveis pelos discentes. Assim, existem objetivos específicos para cada área curricular: Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio e Expressão e Educação Musical, Expressões Artísticas e Físico - Motora. Todavia, existem as áreas curriculares não disciplinares como a área de projeto, estudo acompanhado e formação cívica e ainda a área curricular facultativa como a educação moral e religiosa. Segundo o ME (2004:16), os objetivos que são enunciados no programa de 1ºCEB deverão ser entendidos como metas a alcançar gradualmente ao longo de toda a escolaridade obrigatória. Uma outra metodologia utilizada no 1ºCEB, além do programa curricular, são as Metas Curriculares. De acordo com o MEC, no documento Currículo e Programas Ensino Básico,

as metas curriculares estabelecem aquilo que pode ser considerado como a aprendizagem essencial a realizar pelos alunos, em cada um dos anos de escolaridade ou ciclos do ensino básico. [...] as metas ajudam a encontrar os meios necessários para que os alunos desenvolvam as capacidades e adquiram os conhecimentos indispensáveis ao prosseguimento dos seus estudos e às necessidades da sociedade atual. [...] as metas constituem as referências fundamentais para o desenvolvimento do ensino: nelas se clarifica o que nos programas se deve eleger como prioridade, definindo os conhecimentos a adquirir e as capacidades a desenvolver pelos alunos nos diferentes anos de escolaridade.

1.4 Papel do Educador

A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida [...] favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário (OCEPE, 1997:15).

Assim, sendo a Educação Pré-Escolar a primeira etapa da vida de uma criança, é importante que o educador assuma um determinado papel para desenvolver seres autónomos, livres e solidários.

Segundo as OCEPE (1997:25),

a intencionalidade do processo educativo que caracteriza a intervenção profissional do educador passa por diferentes etapas interligadas que se vão sucedendo e aprofundando, o que pressupõe: Observar, planejar, agir, avaliar, comunicar e articular.

Assim, primeiramente o educador deverá observar tanto o grande grupo como cada criança individualmente para que possa conhecer as necessidades de cada um bem como os interesses individuais. Esta observação permitirá que o educador reflita e proceda a uma planificação motivadora e estimulante para todas as crianças.

Observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, reconhecer as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades (OCEPE, 1997:25).

Neste sentido, a planificação é entendida como um processo educativo de acordo com o que o educador conseguiu observar do grupo e de cada criança, permitindo assim que o profissional da educação proporcione um ambiente estimulante ao desenvolvimento das crianças e promova aprendizagens significativas e diversificadas. As OCEPE (1997), defendem que

o planeamento realizado com as crianças, permite ao grupo beneficiar da sua diversidade, das capacidades e competências de cada criança, num processo de partilha facilitadora da aprendizagem e do desenvolvimento de todas e de cada uma (1997:26).

Como se aprofundará no capítulo correspondente, no estágio em EPE, a estagiária teve oportunidade de realizar várias planificações com as crianças e tornava-se um momento de partilha bastante interessante. Após a planificação, o educador parte para a ação onde coloca em prática todas as suas intenções educativas. Mesmo durante a ação, o educador deverá observar para mais tarde refletir sobre a sua prática. Depois deste processo, o educador, no final da sua intervenção, passa para a tarefa de avaliar o desempenho, tal como descrito no Dec-lei nº241/2001 de 30 de Agosto (Capítulo II, 3 c)), o educador de infância *planifica a intervenção educativa de forma integrada e flexível, tendo em conta os dados recolhidos na observação e na avaliação*. Aqui, através de uma visão formativa, avalia o seu desempenho, a sua intervenção, o que correu bem ou o que poderá ser modificado sempre com o objetivo que as crianças adquiram as aprendizagens. Esta forma de avaliação, onde se percebe o que correu bem ou mal, deverá ser um processo realizado com as crianças dado que, segundo as OCEPE (1997) *a avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador* (1997:27) .

No que diz respeito à etapa de comunicar, esta centra-se principalmente na relação entre o educador, encarregados de educação e a respetiva comunidade educativa. Esta comunicação permite que os encarregados de educação permaneçam informados sobre a evolução do desenvolvimento das crianças.

Por fim, a última etapa da intencionalidade educativa passa pela articulação. O educador deve *promover a continuidade educativa num processo marcado pela entrada para a educação pré-escolar e a transição para a escolaridade obrigatória* (OCEPE, 1997:28).

Deste modo, podemos dizer que o educador de infância tem um trabalho bastante importante na vida das crianças, ideia esta que é defendida no Dec-Lei nº 240/2011 de 30 de Agosto quando afirma que um dos objetivos do Educador de Infância é *promover o desenvolvimento pessoal, social e cívico numa perspetiva de educação para a cidadania* (Anexo nº1; II- Concepção e desenvolvimento do currículo, alínea h).

1.5 Papel do Professor de 1ºCiclo do Ensino Básico

Em relação ao papel de um professor do 1ºCEB, de acordo com o Decreto-Lei nº241/2001 de 30 de Agosto (Capítulo II, 1.), o professor [...] *desenvolve o respetivo*

currículo, no contexto de uma escola inclusiva, mobilizando e integrando os conhecimentos científicos das áreas que o fundamentam e as competências necessárias à promoção da aprendizagem dos alunos. Para que o professor seja capaz de ter sucesso na sua intencionalidade educativa, de acordo com o presente decreto, deverá ter como base alguns objetivos pedagógicos mencionados pelo ME que seguidamente se elencam.

Tal como o educador, o professor passa pelo processo de: observar, planear, agir e avaliar, como é mencionado em alguns objetivos no Dec-Lei nº241/2001:

*Organiza, desenvolve e avalia o processo de ensino com base na análise de cada situação concreta.; Utiliza os conhecimentos prévios dos alunos, bem como os obstáculos e os erros, na construção das situações de aprendizagem escolar.
Utiliza os conhecimentos prévios dos alunos, bem como os obstáculos e os erros na construção das situações de aprendizagem escolar;
Promove a autonomia dos alunos, tendo em vista a realização independente de aprendizagens futuras, dentro e fora da escola;
Avalia, com instrumentos adequados, as aprendizagens dos alunos em articulação com o processo de ensino [...] (Anexo nº2; II - 2).*

É certo que ao nível deste Dec-Lei não está especificado ao pormenor o ato de observar, refletir, intervir e avaliar, no entanto, este ciclo contínuo faz parte integrante do trabalho de um professor, tal como está descrito no Capítulo III - Intervenção.

1.6 Professor Generalista

O desafio de qualificação dos portugueses exige um corpo docente de qualidade, cada vez mais qualificado e com garantias de estabilidade, estando a qualidade de ensino e dos resultados de aprendizagem estreitamente articulada com a qualidade da qualificação dos educadores e professores (Dec-Lei nº43/2007 de 22 de Fevereiro:1320).

De acordo com o Dec-Lei nº43/2007 de 22 de fevereiro, ficou definido um novo regime jurídico para a obtenção da habilitação profissional para a docência. Para esta obtenção do grau de docente generalista, neste caso, na Educação Pré-Escolar e no ensino de 1ºCEB, é necessária a *qualificação através de uma licenciatura em Educação Básica [...] e de um subsequente mestrado em Ensino, num destes domínios* (Dec-lei nº43/2001 de 22 de fevereiro,p.1320). Segundo o Dec-Lei, nº43/2007 de 22 de fevereiro (p.1320), *esta mobilidade permite o acompanhamento dos alunos pelos mesmos professores por um período de tempo mais alargado, a flexibilização da gestão de recursos humanos afectos no sistema educativo e da respectiva trajectória profissional.*

É importante que o profissional seja capaz de assegurar a continuidade do percurso escolar das crianças/alunos facilitando todo o desenvolvimento das mesmas.

Roldão (2010:22) defende que [...] *o professor é aquele que ensina não só alguma coisa, mas alguma coisa a alguém*. No que refere ao termo educar, Serra (2004:121) defende que é um termo [...] *mais amplo do que o termo ensinar que se refere especificamente ao processo de ensino-aprendizagem em contexto escolar*.

O processo de ensino, por muito que seja esperado que o Professor transmita conhecimentos que são mencionados tanto nas OCEPE bem como nos currículos de EB, Machado (2011) defende que se trata de uma transmissão de saberes sendo um processo dinâmico entre aluno-professor, uma vez que todos retiram algo de produtivo.

Em relação à hipótese de se formarem professores generalistas, torna-se vantajoso que percebam que as crianças que frequentam a EPE aprendem a ser, aprendem a fazer, aprendem a interagir e são aquisições fundamentais e uma rampa de lançamento para o Ensino Básico. No entanto, a troca de informações entre o educador e o professor torna-se fundamental para que, quando a criança ingressa no 1ºCEB, o professor já tenha conhecimento sobre dificuldades e aprendizagens adquiridas por parte das mesmas. Torna-se necessário que Professor tenha acesso a esta informação de individual de cada criança uma vez que, cada criança/aluno tem as suas características individuais e, cabe ao profissional da educação saber agir conforme cada necessidade.

1.7 Modelos Pedagógicos

Em Educação Pré-Escolar, bem como no Ensino Básico podem exercer-se vários modelos pedagógicos. Ao longo do estágio em EPE estiveram presentes o Modelo High Scope e, principalmente, a Metodologia de Projeto. No que respeita ao 1ºCEB constataram-se influências do Modelo High Scope.

Modelo High Scope

Este modelo aposta essencialmente na aprendizagem pela ação. Trata-se de um modelo construtivista onde *o Homem constrói o seu próprio conhecimento na interação com os objetos, as ideias e as pessoas* (Formosinho, 2007:55).

Neste modelo podem salientar-se aspetos como trabalhar a aprendizagem pela ação, as rotinas bem como os espaços físicos da sala. O educador/professor organiza

o espaço físico e os materiais de acordo com as necessidades das crianças/alunos para que promova aprendizagens significativas. Segundo o presente modelo curricular, os horários e as rotinas são de extrema importância para os sujeitos da aprendizagem pois,

os elementos da rotina diária planeamento, trabalho, revisão, grupo pequeno, grupo grande, e tempo de exterior - proporcionam um enquadramento comum de apoio às crianças à medida que estas, ao longo do dia, perseguem os seus interesses e resolvem problemas (Hohmann e Weikart, 2007:222).

Metodologia de projecto

A Metodologia de Projeto foi o modelo pedagógico mais utilizado no estágio de EPE. Esta modelo visa a participação das crianças/alunos no processo de ensino-aprendizagem. A implementação da metodologia de projeto numa sala surge dos interesses, curiosidades e motivações das crianças. O papel do educador/professor passa por apoiar e assegurar o desenvolvimento social e intelectual da criança. É da responsabilidade do profissional de educação observar e atender aos interesses das crianças, tal como aconteceu no estágio em EPE (Consultar Anexo nº4 - Projetos). Através de uma pergunta ou de uma simples música, pode suscitar-se o interesse e a curiosidade no grande grupo e, assim, desencadeia-se um projeto onde as crianças procuram, questionam, pesquisam até encontrarem a resposta pretendida. Aqui, o educador/professor, a partir das ideias apresentadas, planeia juntamente com as crianças o que mais querem saber e quais os resultados a atingir. De acordo com o Ministério de Educação (1998:93) o plano de um projeto tem de

prever quem são os intervenientes, como se organizam, as estratégias de acção a desenvolver, os recursos necessários, bem como as atividades que permitem concretizar o projeto e o seu desenrolar no tempo, ou seja, a sua calendarização.

1.8 Pedagogias Educacionais

O educador/professor desenvolve estratégias para poder transmitir os conhecimentos aos seus alunos da forma mais clara possível para que, este processo de transmissão de saberes seja alcançado com sucesso. La Garanderie (1989:17) afirma que *Os exemplos escolhidos, o vocabulário utilizado, as imagens empregues [...] tudo isto é objetivo de criteriosos cálculos.* Becker (2001) refere que a relação

pedagógica está ligada aos modelos pedagógicos e epistemológicos, sendo eles: a pedagogia diretiva, pedagogia não-diretiva e a pedagogia relacional.

Na pedagogia diretiva, segundo Becker (2001), o conhecimento é transmitido do docente para o discente. Neste tipo de pedagogia, o discente não tem lugar para opinar ou liberdade para procurar o saber. O aluno apenas escuta, copia e executa aquilo que o docente diz.

Por outro lado, na pedagogia não-diretiva o aluno é o protagonista da própria aprendizagem, uma vez que o professor acredita que o aluno é capaz de aprender por si só. Nesta pedagogia, o professor só intervém na aprendizagem quando é solicitado por parte do aluno, assume assim um papel de "animador de grupo" como afirma Cabanas (1995:82).

Por último, na pedagogia relacional, o professor expõe o problema e o aluno terá que ter a capacidade de agir e de tentar descobrir a resolução, criando-se assim um ambiente de construção de conhecimentos através da troca de saberes entre aluno e professor. Aqui está subjacente o paradigma do construtivismo onde [...] *o professor é como os andaimes, com a ajuda dos quais o aluno poderá realizar aquilo que está encarregado* (Cabanas, 1995:287). Neste paradigma, o professor tem oportunidade de fornecer ao discente os recursos necessários para promover a aprendizagem, desde que o aluno seja capaz de procurar, questionar sobre as suas dúvidas e construir as suas próprias aprendizagens.

1.9 Métodos Pedagógicos

Segundo Oliveira & Machado citados por Gouveia (2008) existem quatro métodos pedagógicos sendo eles, o método expositivo, o interrogativo, o demonstrativo e o ativo.

O método expositivo implica a transmissão de toda a informação e, o formando tem uma participação bastante diminuta. Ao contrário do método expositivo, o método interrogativo tem o propósito dos alunos intervirem ativamente na aula. Relativamente ao método demonstrativo é utilizado quando se pretende uma aprendizagem rápida e eficaz uma vez que, *consiste, essencialmente, na transmissão de técnicas visando a repetição de procedimentos através da demonstração: explicação-demonstração-aplicação* (Oliveira & Machado citados por Gouveia,2008).

Por fim, o método ativo é utilizado com o objetivo de que os alunos sejam motivados em participar na construção dos seus conhecimentos.

1.10 Diferenciação Pedagógica

Embora os educador/professores tenham documentos institucionais como documentos orientadores publicados pelo ME, de acordo com o que será mencionado posteriormente, o profissional de educação deverá respeitar e orientar o seu trabalho de acordo com os mesmos documentos, no entanto, a diferenciação pedagógica deverá ser uma constante no processo de ensino. O profissional da educação deverá respeitar esses mesmos documentos mas nunca esquecendo a diversidade de características das crianças/alunos que irá receber, uma vez que *não há um aluno padrão. Todos os alunos são diferentes* (Estanqueiro, 2010:12). A diferenciação pedagógica que deve ser feita não se limita apenas ao ritmo de aprendizagem ou às necessidades educativas especiais das crianças. Esta diferenciação deve e pode ser feita de acordo com a forma de pensar e de aprender de cada criança/aluno. Segundo Canavarro (2001), o professor deverá conhecer o nível de desenvolvimento de cada criança/aluno, conhecer os seus interesses e necessidades para poder adequar os processos de aprendizagem às características individuais das crianças. Assim, a intervenção pedagógica deve iniciar-se quando a escolaridade começa (Serra, 2004). Para defender esta ideia da diferenciação das características de cada criança, Tomlinson (2008:7) refere que

[...] enquanto esculpimos turmas, damo-nos conta de que os alunos aprendem de maneiras diferentes - uns ouvindo, outros fazendo, alguns sozinhos, outros na companhia dos colegas, alguns num ritmo acelerado e outros à custa de alguma reflexão.

Para que as aprendizagens sejam adquiridas com sucesso e, de acordo com o que foi anteriormente mencionado sobre o papel do educador/professor, torna-se imprescindível que no ato de refletir e, posteriormente, no ato da planificação, o educador/professor atenda a uma pedagogia diferenciada, adequando estratégias, conteúdos e avaliações.

No que respeita a crianças com Necessidades Educativas Especiais, o Dec-Lei nº3/2008 de 7 de janeiro (p.154) refere que *a educação inclusiva visa a garantia de igualdade, quer no acesso quer nos resultados*. Tanto no estágio de EPE como no estágio de 1ºCEB, existiam crianças/alunos com apoios individualizados, no entanto, a ajuda necessária para o melhor desenvolvimento possível da criança da EPE era bem diferente da ajuda precisa nas crianças do 1ºCEB. As crianças do 1ºCEB, como será

descrito no Capítulo II - caracterização do grupo, tinham dificuldades de aprendizagem e, era necessário um apoio individualizado da parte quer das estagiárias quer da Professor Cooperante. No que respeita à criança da EPE, o apoio passaria por terapeuta da fala e outros técnicos especializados.

Uma vez expostas as teorias que suportam todo o relatório, é importante mencionar as metodologias de intervenção: tipo de estudo, participantes de estudo bem como os instrumentos de recolha de dados, que permitiram que a estagiária interviesse nos dois estágios de uma forma mais adequada.

II. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Após a exposição das teorias que sustentam todo o trabalho efetuado, importa referir, antes de expor a intervenção efetuada, o tipo de estudo que foi realizado bem como os participantes e, ainda, os procedimentos metodológicos/técnicas e instrumentos de recolha de dados. Refere-se aos procedimentos metodológicos uma vez que se trata de uma sequência.

2.1 Tipo de estudo

Ao longo dos estágios, quer o de EPE quer o de 1ºCEB, a estagiária recorreu à utilização de métodos que se tornaram essenciais para a concretização da sua intervenção. Ao longo deste Mestrado, importa perceber e saber responder à questão *O que é ser um professor generalista?*. Para isso, um professor deverá ser capaz de ter *uma predisposição para examinar a sua prática de uma forma crítica e sistemática* (Stenhouse, 1975 citado por Alarcão, 2001:17).

Bell afirma que *a abordagem adotada e os métodos de recolha de informação dependerão da natureza do estudo e do tipo de informação que se pretende obter* (Bell, 1997:20). As metodologias de investigação, em educação, são normalmente definidas como quantitativas ou qualitativas, variando conforme os dados recolhidos e como são analisados. Ao longo dos dois estágios, o estudo realizado caracteriza-se sobretudo por qualitativo uma vez que Bodgan & Biklen (2010) afirmam ser o método mais apropriado para o trabalho de investigação em educação. Durante a intervenção educativa, a estagiária procurou analisar e interpretar o ambiente/contexto educativo, na medida que os investigadores qualitativos *entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu meio natural de ocorrência* (Bogdan e Biklen, 1994:48). No entanto, existiu um aspeto de abordagem quantitativa, na medida em que a estagiária procedeu ao tratamento de dados para a análise da caracterização das famílias do grupo/turma. O método que foi utilizado procede à recolha e interpretação de dados, seguindo assim uma linha de investigação-ação. Bell (1997:21) afirma que a investigação-ação *não é um método nem uma técnica*. Como já referido, é uma abordagem que permite que os educadores/professores sejam capazes de resolver problemas, uma vez que envolve um processo de reflexão

que é entendido como o *processo de compreensão e melhoria do ensino* (Zeichner, 1993 citado por Nunes, 2000:12). Todo este processo de reflexão e investigação deverá ser sempre baseado no grupo/turma que está nas mãos de um educador/professor, desenvolvendo-se assim um ciclo contínuo entre planificação, ação, observação e reflexão. Para uma melhor adaptação às Instituições, a estagiária procedeu à análise de documentos institucionais para agir de acordo com os valores e ideais estipulados.

2.2 Participantes de estudo

Nesta investigação participaram dois grupos distintos como: o grupo do contexto de Educação Pré-Escolar e o grupo de 1ºCiclo do Ensino Básico.

O grupo de EPE era composto por 18 crianças, a educadora cooperante e ainda 4 auxiliares de ação educativa. Este grupo era constituído por 11 crianças do género masculino e 7 crianças do género feminino, como se pode verificar no Capítulo III - Intervenção, caracterização sociocultural das crianças/alunos. No que respeita à família, uma vez que participaram e ajudaram a desenvolver atividades orientadas são incluídas no grupo de participantes de estudo (Consultar anexo nº7 - Circular enviada aos EE). O grupo de 1ºCEB era constituído por 26 alunos sendo 15 do género masculino e 11 do género feminino que será descrito mais pormenorizadamente no Capítulo III-Intervenção, caracterização sociocultural das crianças.

2.3 Procedimentos Metodológicos / Instrumentos de recolha de dados

No início dos estágios, como forma de conhecer e de adequar a sua prática consoante o contexto e princípios de cada instituição, a estagiária procurou inteirar-se dos documentos institucionais como o PE (projeto Educativo), o RI (Regulamento interno), o PAA (Plano Anual de atividades) e, ao nível do estágio em EPE ainda o documento designado de Desenho Curricular. No entanto, não pôde deixar de consultar documentos orientadores da prática educativa como, as OCEPE e as metas curriculares no que respeita à EPE e, para o estágio de Ensino Básico os programas nacionais e as metas curriculares.

Como forma da estagiária se adaptar e conhecer melhor quer o grupo com que iria trabalhar quer a instituição, em ambos os estágios, a observação esteve sempre presente. Bell (1997:143) afirma, sobre a observação que, *seja estruturada ou não, quer seja participante ou não, o seu papel consiste em observar e registar da forma mais objetiva possível e em interpretar depois os dados recolhidos*. Em vários momentos a estagiária, tomou a postura de observadora não participante uma vez que, segundo Carmo e Ferreira (1998:106) *se o investigador optar por observar a dinâmica do grupo em situação de aula [...] está a fazer uma observação não participante*. Exemplo disso foi, no início dos estágios, onde a observação da estagiária permitiu verificar o trabalho realizado pelas crianças e, também, o espaço educativo, preenchendo grelhas de observação (Consultar anexo nº3 - 3.6 e 3.7- grelhas de observação). Contudo, durante os dois estágios, os tipos de observação mais utilizados foram a observação direta e a participante. A observação direta está presente quando se efetuam registos em tempo real, onde o profissional da educação *pode saber aquilo que a criança faz e sobre aquilo que não faz* (Parente, 2002:168). Contudo, também foi posta em prática a observação participante, uma vez que, permitiu *estudar uma comunidade durante um longo período, participando na vida coletiva* (Quivy e Campenhout, 2008:198).

Foram utilizados como recolha de dados, vários instrumentos como: registos de observação, planificações, portfólio reflexivo, portfólio da criança e avaliações semanais.

Tanto no estágio de EPE como no estágio de 1ªCEB, foram efetuados registos de observação (consultar anexo nº2 - Registos). Alguns desses registos são os registos de incidentes críticos que, segundo Cristina Parente são *breves relatos narrativos que descrevem um incidente ou comportamento considerado importante para ser observado e registado* (Parente, 2002:181), (consultar anexo nº2.2 - registo de incidente crítico). Este tipo de instrumento facilita o registo de *acontecimentos de forma factual e objetiva, relatando o que aconteceu, quando e onde, bem como o que foi dito e feito* (Parente, 2002:181). Um outro tipo de registo efetuado foi o registo fotográfico. Este registo permite tomar conta de um acontecimento importante através de uma fotografia, comentário da estagiária e definir quais os indicadores de desenvolvimento implícitos.

Estes registos foram bastante utilizados na construção do Portfólio da criança no estágio de EPE (consultar anexo nº 2.3 - registo fotográfico). Ainda no que respeita a registos de observação, foram construídas grelhas de avaliação que *permitem uma*

avaliação mais objetiva na avaliação dos trabalhos (Roldão, 2005:149). Estas grelhas de avaliação iam ao encontro dos objetivos definidos para cada atividade e assim, a estagiária podia verificar os resultados e os objetivos alcançados pelo aluno (consultar anexo nº 3.1 e 3.3). Esta avaliação foi uma forma de saber se as crianças/alunos dispunham ou não *dos conhecimentos e capacidades necessárias para enfrentar uma aprendizagem* (Gouveia, 2008:17). Após a intervenção da estagiária, era efetuado outro registo com base na grelha anterior para verificar qual a progressão das crianças/alunos acerca de um determinado tema.

Um outro instrumento de recolha de dados utilizado em ambos os estágios foi o portfólio reflexivo (consultar anexo nº8 - Reflexões). Segundo Cristina Parente (2002)

a abordagem reflexiva considera que os profissionais constroem e reconstruem o seu conhecimento no campo da acção que é a sua prática profissional, caracterizada pelas suas dinâmicas de incerteza e decisões altamente contextualizadas [...] (2002:219).

Este portfólio era composto essencialmente por reflexões, que faziam com que a estagiária parasse para pensar acerca da sua intervenção educativa, refletindo sobre o que poderia ser melhorado. Segundo Marques, o portfólio reflexivo representa um instrumento fundamental no percurso de desenvolvimento pessoal e profissional dos formandos, de documentação das práticas reflexivas, de suporte das reflexões que acontecem antes, durante e depois da ação, quer ao nível da reflexão entre pares, quer mesmo no processo de auto-reflexão (consultar anexo nº9 - avaliação das atividades). Na opinião da estagiária, a construção deste portfólio ajudou significativamente no desenvolvimento de todo o estágio, podendo proporcionar momentos de aprendizagem eficazes.

Assim, com todos estes instrumentos de recolha de dados, com o apoio dos educadores cooperantes e ainda com o apoio do supervisor, a estagiária conseguiu organizar e intervir com o grupo de crianças/alunos de uma forma pensada sempre com o enfoque de ensinar e de aprender.

III. INTERVENÇÃO

Ao longo deste Capítulo será exposta a caracterização das Instituições e dos grupos. Numa segunda parte será apresentada a Intervenção Educativa, onde se salientam os pontos: Observar; Planear/Planificar; Agir/Intervir e Avaliar.

1.Caracterização dos Contextos de Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

1.1 Instituição

Uma grande necessidade sentida pela estagiária no início dos dois estágios profissionalizantes, relacionou-se com a necessidade de conhecer a dinâmica de cada uma das instituições bem como os grupos e as respetivas equipas pedagógicas com que se relacionou durante os meses de estágio em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Uma vez que *um currículo não pode ser encarado de forma isolada e não pode existir sem uma estrutura de apoio forte e bem desenvolvida, ou seja, num contexto social e institucional no qual acontece* (Siraj-Blatchford, 2004:10), foi necessário aferir a alguns documentos das instituições como, o Projeto Educativo (PE), Regulamento Interno (RI). Ao promulgar o Dec-Lei nº 137/2012, o Ministério de Educação e Ciência pretende assegurar o *regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos de educação pré-escolar e dos ensinos básicos e secundário* (Artigo nº1, p. 3341).

De acordo com o presente decreto, a autonomia é reconhecida ao agrupamento de escolas ou à escola não agrupada. Contudo, todas estas decisões não poderão ser efetivas sem o auxílio de alguns instrumentos já referidos anteriormente, como o Projeto Educativo e o Regulamento Interno. O Projeto Educativo é assim entendido como um

documento que consagra a orientação educativa do agrupamento de escolas ou da escola não agrupada [...] no qual se explicitam os princípios, os valores, as metas e as estratégias segundo os quais o agrupamento de escolas ou escola não agrupada se propõe a cumprir a sua função educativa (Capítulo II, Regime de autonomia, Artigo nº9,p.3351).

Este deverá assim conter informações relativas à Instituição em causa assim como do seu funcionamento. Relativamente ao Regulamento Interno, o Dec-lei nº137/2012 explica que se trata de um documento que

A simbiose da educação – aprender a ensinar , aprender a aprender em educação pré-escolar e ensino do 1º ciclo do ensino básico

define o regime de funcionamento do agrupamento de escolas ou escolas não agrupadas, de cada um dos seus órgãos de administração e gestão, das estruturas de orientação e dos serviços administrativos, técnicos e técnicos-pedagógicos, bem como os direitos e deveres dos membros da comunidade escolar (Capítulo II: Regime de Autonomia; Artigo nº9, pág.3351).

As instituições onde decorreram os estágios, apesar de serem instituições distintas, são escolas inseridas num Agrupamento Público mas em concelhos distintos.

De acordo com o Dec-lei nº137/2012, Secção II, artigo nº6,

o agrupamento de escolas é uma entidade organizacional, dotada de órgãos próprios de administração e gestão, constituída pela integração de estabelecimento de educação pré-escolar e escolas de diferentes níveis e ciclos de ensino.

No que diz respeito ao nível geográfico, as duas Instituições situam-se no Porto, sendo que a Instituição A se situa no concelho de Valongo e a Instituição B no concelho da Maia.

Relativamente à Instituição A, este agrupamento tem como "missão" *assegurar a todos uma escolaridade qualificante e prolongada, respondendo aos seus projetos individuais e contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento e bem-estar social*, como menciona o Projeto Educativo (2011-2014:34). Tanto a instituição A como instituição B institucionalizaram-se como Agrupamentos Verticais, no entanto a instituição A institucionalizou-se apenas no ano letivo 2003/2004.

É um agrupamento constituído por cinco Escolas Básicas (1º Ciclo do Ensino Básico com Jardim de Infância) e uma Escola Básica e Secundária.

Quanto à caracterização social *a vila de [...] é descrita como uma área predominantemente urbana [...]* (PE, 2011-2014:8). *[...] possui três bairros de habilitação social, empreendimentos camarários, que alojam uma população carenciada, alguma etnia cigana, com repercussões sociais* (PE, 2011-2014:8). Nos cinco edifícios escolares de 1ºCiclo do EB funcionam os Jardins de Infância onde os espaços foram adaptados. A Instituição A é constituída por 3 salas de Jardim de Infância, 5 salas de 1ºCEB, 1 biblioteca, 1 sala de professores, 1 polivalente, 1 refeitório, 1 cozinha, 2 salas de arrecadação contando ainda com um prolongamento de horário.

É importante salientar que,

no sentido de se assegurar um apoio mais individualizado às crianças e alunos com Necessidades Educativas Especiais de caráter permanente, o Agrupamento dispõe de uma Unidade de Apoio Especializado à Multideficiência (PE,2011-2014:14).

Para alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem *a escola tenta implementar processos de aprendizagem diversificados que respondam aos seus interesses, capacidades e necessidades* (PE, 2011-2014:14). Este agrupamento conta

ainda com parcerias estabelecidas pelo Agrupamento ao nível da autarquia, instituições locais, instituições de ensino superior e associações culturais e recreativas da freguesia (PE, 2011-2014:33).

Quanto à Instituição B, esta [...] *tem conhecido, nas últimas décadas, uma contínua expansão urbanística e populacional, tendo-se mesma tornado na mais populosa freguesia do concelho da [...]* (PE, 2008-2011:6). Segundo o PE, esta mesma freguesia revela ainda diversidade sociológica da sua população, o que traz consequentemente heterogeneidade socioeconómica, juntamente com níveis desiguais de escolarização e formação (PE, 2008-2011). No que diz respeito à caracterização da comunidade, esta, tem vindo a adaptar a realidade educativa à sua comunidade. Devido à heterogeneidade da comunidade, o Agrupamento é composto por crianças de diferentes culturas, freguesias e concelhos. Este aspeto referido anteriormente acarreta consequências como, um maior número de docentes e, igualmente, um maior número de desafios a serem ultrapassados.

No que diz respeito aos recursos físicos e materiais, no PE é mencionada uma escola com uma construção moderna e espaços amplos. Assim, a Instituição é composta por 2 recreios, 6 salas de aula, 1 cozinha, 1 despensa, 2 gabinetes, 4 Wc, 1 campo desportivo, 1 sala de professores, 1 cantina, 1 sala de informática, 2 arrecadações e ainda 1 sala de receção. Relativamente à estrutura organizacional e funcional, através do PE e do RI, verifica-se que este Agrupamento é composto por uma Assembleia, por um Concelho Executivo, Concelho pedagógico constituído por pessoal docente e ou não docente. Esta instituição é composta por 6 professores do EB, sendo uma a coordenadora da instituição, por uma professora do ensino especial e seis professores de AEC's. Quanto ao pessoal não docente, esta instituição conta com a colaboração de 5 pessoas. Quanto à organização curricular, a instituição segue um currículo já definido, tomando assim a opção de incluir atividades extra curriculares para proporcionar aos seus alunos um currículo ainda mais rico. Os alunos têm ao seu dispor atividades como: a educação musical, aulas de Inglês, informática e Religião Moral.

Para finalizar, esta instituição conta com parcerias da Câmara Municipal, da Junta da Freguesia, da Associação de Pais, do Centro de Saúde, da P.S.P e, ainda, da ESEPF.

Uma das grandes semelhanças entre as duas Instituições é o facto de ambas trabalharem em prol da promoção de uma aprendizagem ativa e significativa para os alunos. Para que tal aconteça é importante a organização de um ambiente que proporcione o desenvolvimento e as aprendizagens das mesmas. Para isso, a Instituição A adotou os modelos pedagógicos High Scope e a Metodologia de Projeto

enquanto que, a Instituição B, tinha algumas características do modelo pedagógico High Scope. Estes modelos pedagógicos foram já abordados no Capítulo I - Enquadramento Teórico, Modelos Pedagógicos.

Através da análise de documentos efetuada pela estagiária, constatou-se que os documentos organizacionais de ambas as instituições se complementam, o que permite que haja um trabalho em torno dos princípios e valores, nunca esquecendo o objetivo fulcral que são os interesses das crianças/alunos.

1.2 Caracterização Sociocultural das crianças/alunos

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, *cada criança tem uma família - pais ou seus substitutos-que é diferente - composição, características sócio - económicas e culturais* (Ministério da Educação,1997:32). Consoante esta afirmação e com o propósito de realizar uma caracterização fidedigna, as informações das crianças na Educação Pré-Escolar foram retiradas das fichas de anamnese. No que respeita aos alunos do 1ºCiclo do EB, as informações foram igualmente retiradas das fichas individuais dos alunos. O grupo de crianças da sala dos 3 anos, no contexto de EPE, era formado por 18 crianças (11 do género masculino e 7 do género feminino) com idades compreendidas entre os 3 e os 4 anos. No que respeita aos alunos do 1º ano do 1ºCEB, este grupo era constituído por 26 crianças (15 do género masculino e 11 do género feminino). É importante referir que tanto no grupo de Educação Pré-Escolar como no grupo do 1ºCiclo do Ensino Básico existiam crianças diagnosticadas com Necessidades Educativas Especiais. No 1º ano do 1ºCEB existia uma criança com dificuldades de aprendizagem acompanhada por um profissional na área, mais concretamente um professor da Educação Especial, no entanto, a criança da Educação Pré-Escolar diagnosticada com Síndrome de Asperger mas só, avaliada recentemente, ainda não possuía de um PEI (Programa Educativo Individual).

Por outro lado, toda a evolução escolar das crianças

[...] é afetada por todos os aspetos do seu desenvolvimento - cognitivo, físico, emocional e social. Além das características próprias da criança, cada nível do contexto das suas vidas, desde a família(...) às mensagens que recebem da sua cultura mais alargada. (Papalia,2001:446).

Assim, um professor, para poder adequar a sua prática da melhor forma, necessita previamente de conhecer o grupo de alunos que tem consigo, durante todo o ano letivo, bem como todos os aspetos que poderão influenciar as aprendizagens.

Relativamente à questão familiar, no que concerne ao grupo da EPE, através da análise de dados mencionados anteriormente, a estagiária pôde constatar que cerca de 36 encarregados de educação estão empregados enquanto 3 se encontram atualmente desempregados. No que respeita às suas habilitações literárias, cerca de 13 pais têm uma licenciatura, ou 11.º, ou 12.º ano concluído. Os restantes encarregados de educação dividem-se entre o 2º e o 3º Ciclo (Consultar anexo nº6.1 Caracterização dos grupos - família).

Em relação ao grupo de 1ºCiclo do Ensino Básico existem entre 30 a 35 pais empregados e de 10 a 15 desempregados. Em relação aos níveis de ensino, a grande parte dos pais divide-se entre o 3º Ciclo e o Ensino Secundário, enquanto que, cerca de 10 pais concluíram um curso superior e os restantes pais dividem-se entre o Ensino Primário (atual 1ºCEB), 2º Ciclo e Mestrado (Consultar anexo nº6.2 - Caracterização dos grupos - família).

1.3 Caracterização Teórico Real das crianças e alunos

A caracterização do grupo de crianças da sala dos 3 anos sustenta-se nas teorias da Psicologia do Desenvolvimento nas diversas Áreas de Conteúdo. Estas áreas de conteúdo na Educação Pré-Escolar passam por: Área de Formação Pessoal e Social, Área de Expressão e Comunicação e Área do Conhecimento do Mundo.

A Área de Formação Pessoal e Social é vista como uma área integradora das crianças na sociedade. Segundo Piaget (1978) as crianças de 3 anos encontram-se no estágio Pré-Operatório onde se destaca o egocentrismo. O egocentrismo foi bastante notório neste grupo de crianças uma vez que [...] *seu pensar reflete uma posição autocentrada, e elas não conseguem ver uma situação do ponto de vista de outra pessoa* (Piaget, 1978:161).

Relativamente à Área de Expressão e Comunicação, mais propriamente o Domínio da Expressão Motora, segundo Papalia, as crianças que se encontram neste estágio evoluem tanto ao *nível das competências motoras grossas* como ao nível das *competências motoras finas* (Papalia, 2001:286). Ao nível do grande grupo, estas aquisições não foram adquiridas totalmente por todas as crianças uma vez que é um grupo significativamente heterogéneo no que respeita ao desenvolvimento motor. No que toca à lateralidade, esta é entendida *como um domínio funcional de um dos lados do corpo sobre o outro, resultado do amadurecimento e da aprendizagem* (Cerezo, 1997:140) e, pode-se dizer que existiam duas crianças que ainda não tinham a lateralidade bem definida, ou seja, consoante o esforço que teriam que fazer em

determinada atividade é que selecionavam a mão com que iriam trabalhar. Em relação à motricidade fina, ao nível do recorte, as crianças ainda não conseguiam segurar corretamente a tesoura pelo que, conseqüentemente, o recorte não ficava perfeito. Quanto ao manuseamento do lápis, foi um trabalho contínuo e, verificou-se, que nesta etapa final praticamente todas as crianças já manuseavam o lápis corretamente (Consultar anexo nº3.4 - Manuseamento do lápis).

Segundo OCEPE (1997:59) *a expressão dramática é um meio de descoberta de si e o outro, de afirmação de si próprio na relação com os outros [...]*. Neste Domínio da Expressão Dramática, as crianças utilizam sistematicamente o *jogo simbólico* (Consultar anexo nº10 : Fotografia nº11), jogo que permite à *criança recriar experiências da vida quotidiana, situações imaginárias e utilizar os objetos livremente, atribuindo-lhes significados múltiplos* (OCEPE, 1997:60). Um grande foco nas OCEPE é o uso de fantoches na sala de Educação Pré-Escolar uma vez que *facilitam a expressão e a comunicação através de "um outro", servindo também de suporte para a criação de pequenos diálogos, histórias, etc* (OCEPE,1997:60). Com base na importância que os fantoches acarretam e, através do interesse das crianças, a partir do momento que se inaugurou o fantocheiro passaram a recriar histórias, o que permite um desenvolvimento na linguagem (Consultar anexo nº9.6 - exploração do fantocheiro). A Área da Expressão Plástica *implica um controlo da motricidade fina que a relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressão* (OCEPE,1997:61). As atividades realizadas no estágio de Educação Pré-Escolar permitiram um grande envolvimento de todas as crianças. De uma forma geral, todo o grupo mostrava grande interesse pelo desenho, pintura e recorte. Mesmo não sendo atividades orientadas, quando as crianças tinham o seu momento de brincar, eram várias as crianças que recorriam à expressão plástica.

No que concerne ao Domínio da Expressão Musical é uma área que

assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir, com base num trabalho sobre os diversos aspetos que caracterizam os sons [...] (OCEPE,1997:63).

O grupo de Educação Pré-Escolar revelou-se bastante participativo e interessado em atividades interligadas com a expressão musical (Consultar anexo nº10, fotografia nº 6 e 12). Todas as crianças foram capazes de distinguir e nomear os instrumentos musicais. Relativamente ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita na Educação Pré-Escolar é fundamental a aquisição e o desenvolvimento da linguagem oral. Importa que a criança se desenvolva neste aspeto uma vez que lhe irá permitir questionar-se, exprimir o que sente bem como contar os seus acontecimentos.

As crianças do estágio em EPE mostravam grandes discrepâncias no desenvolvimento da mesma. Havia crianças que se exprimiam sem qualquer dificuldade, ainda com correções por parte do adulto mas, não tinham qualquer entrave na comunicação com o outro. No entanto, existiam crianças com notórias dificuldades de linguagem expressiva.

Quanto ao Domínio da Matemática o grupo da EPE apresentava grandes dificuldades. Havia poucas crianças que sabiam identificar a quantidade ao número correto. Ao nível das formas geométricas, trabalho que foi desenvolvido ao longo do estágio, a grande maioria, no final do ano letivo, já conseguia nomear os sólidos e classificá-los quanto ao tamanho e espessura (fino ou grosso). Ao longo deste tempo, a estagiária procurou sempre em momentos de partilha relacionar as atividades com situações quotidianas uma vez que, segundo as OCEPE *as crianças vão espontaneamente construindo noções matemáticas a partir das vivências do dia a dia* (OCEPE,1997:73).

Por último, a Área do Conhecimento do Mundo, segundo as Orientações Curriculares de Educação Pré-Escolar (1997), *enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê* (OCEPE,1997:79). As crianças da sala dos 3 anos procuravam constantemente respostas às suas dúvidas e curiosidades e, assim, fez sentido utilizar a Metodologia de Projeto que ajudou o desenvolvimento da curiosidade e o saber mais sobre determinados assuntos como, por exemplo, o Corpo Humano e o espaço (Consultar anexo nº4 - Projetos). O facto de se ter abordado o projeto "O Corpo Humano" permitiu explorar com as crianças a estrutura do corpo humano, o que fez com que, a nível do desenho, passassem a desenhar a forma correta do corpo (cabeça, olhos, nariz, membros superiores e inferiores). As crianças foram sujeitos ativos na sua aprendizagem, onde procuraram saber mais, planificaram o projeto e mostraram grande capacidade de iniciativa para realizar as atividades.

No que respeita aos alunos do 1º ano do 1º CEB, é um grupo heterogéneo com idade compreendida nos seis anos de idade. Segundo os *estádios de desenvolvimento humano de Piaget* (in Papalia, 2001), estas crianças encontram-se no Estádio das Operações Concretas, onde, desenvolvem o pensamento lógico mas não o abstrato. Aqui, as crianças são capazes já de pensar de uma forma lógica uma vez que têm em consideração vários aspetos e não se concentram num só (Papalia,2001). As crianças que se encontram neste estágio já possuem de uma grande capacidade de distinguir o que é a realidade e a fantasia, e este é um aspeto que é notório no grupo em questão. Uma das características que Jean Piaget menciona neste estágio é a capacidade de

causa efeito. Aqui as crianças têm a noção que um ato irá certamente ter determinado efeito e conseguem explicar de forma clara o motivo.

No que se refere ao desenvolvimento psicossocial, demonstraram relacionar-se positivamente com toda a comunidade educativa. Pelo facto de se tratar do 1º ano, os alunos podiam ter dificuldades em se relacionar entre si, uma vez que ainda não se conheciam na totalidade, no entanto o desconhecimento prévio não foi um entrave às relações pessoais estabelecidas entre eles. No que respeita ao relacionamento com a Professora Cooperante, existia uma relação de proximidade o que permitiu sentirem-se com o à-vontade para falar de qualquer assunto que os perturbasse. Trata-se de uma área fundamental na educação, uma vez que, é através dos laços que se criam que *as crianças aprendem conceitos sociais e desenvolvem variadas estratégias de interação social e a sua auto-estima vai-se desenvolvendo* (Tavares 2007:62).

No que diz respeito ao número e à matemática, a maioria destas crianças conseguem contar mentalmente. Esta característica é extremamente notória no desenvolvimento de algumas crianças do grupo em questão, uma vez que têm uma grande facilidade em resolver uma operação, mentalmente. Por outro lado, existem ainda algumas crianças com dificuldades neste cálculo mental, por isso, ainda utilizam estratégias como contar pelos dedos ou até mesmo por objetos.

Em relação ao desenvolvimento da linguagem, as crianças encontram-se numa fase em que a sua capacidade de expressão oral melhora significativamente. Na sala do 1º ano era trabalhada, sistematicamente, a capacidade de se expressarem oralmente, contudo, ainda existiam alguns alunos que tinham dificuldade de expor as suas ideias ou dúvidas, com receio de errar. Por outro lado, a nível da Literacia existia uma curiosidade em descobrir e aprender. Nesta idade, as crianças gostam de *escrever para expressarem as suas ideias, pensamentos e sentimentos* (Papalia,2001:442). Nestas 26 crianças é notório o gosto pela leitura e, a estagiária e a professora, verificaram-no diariamente. As crianças traziam de casa histórias criadas pelos pais e faziam questão de contá-las à restante turma. Uma outra evidência era a felicidade que transmitiam, quando se apercebiam que já sabiam todas as letras que constituíam uma palavra e, assim, conseguiam aprender a ler e a escrever mais uma nova palavra.

Ao nível da expressão motora, mais precisamente no que diz respeito à motricidade grossa, a estagiária apenas observava as brincadeiras de recreio dos alunos, ou seja, uma vez que não foi assistida nenhuma aula de expressão motora a estagiária não pôde observar o desenvolvimento dos alunos a este nível. No que respeita à motricidade fina, praticamente todos os alunos manuseavam corretamente o lápis (Consultar anexo nº10, fotografia nº5). Na sala dos 3 anos, a estagiária trabalhou

em prol de que todas as crianças conseguissem manusear corretamente o lápis o que se torna um fator essencial no início do 1ºCEB.

Criança com Necessidades Educativas Especiais

No grupo de crianças da sala de 3 anos há uma criança avaliada com NEE, mais propriamente com o Síndrome de Asperger.

O Síndrome de Asperger é uma perturbação neurocomportamental de base genética, pode ser definida como uma perturbação do desenvolvimento que se manifesta por alterações sobretudo na interação social na comunicação e no comportamento.

Este diagnóstico foi revelado recentemente, o que ainda não permitiu implementação de um programa individual. Segundo o decreto lei nº3/2008,

o modelo do programa educativo individual é aprovado por deliberação do conselho pedagógico e inclui os dados do processo individual do aluno, nomeadamente identificação, história escolar e pessoal relevante, conclusões do relatório de avaliação e as adequações no processo de ensino e aprendizagem a realizar, com indicação das metas, das estratégias, recursos humanos e materiais e formas de avaliação (Capítulo III, artigo nº9,p.157).

Assim, a estagiária efetuou a caracterização teórico real desta criança baseada na observação direta, no entanto apenas menciona as Áreas de Conteúdo onde a criança se diferencia.

Ao nível da Área da Formação Pessoal e Social apresentava grandes dificuldades em se relacionar com as restantes crianças bem como com os adultos. Foi necessário que a estagiária estabelecesse uma relação de confiança com esta criança para que conseguisse "chegar até ela". No que diz respeito ao momento de brincar, procurava a área onde os amigos se encontravam mas, não mantinha qualquer diálogo e, quando existia contacto físico a sua reação era afastar-se. Por exemplo, no início do estágio, uma vez que esta criança não tinha estabelecido nenhuma relação de confiança, quando a estagiária a acarinhou fazendo uma festa na cabeça, a reação imediata foi afastar a cabeça e começar a balançar-se.

Quanto à Área da Expressão e Comunicação, especificamente no Domínio da Expressão Motora, motricidade grossa, esta criança está tão desenvolvida quanto às restantes crianças. Quanto à motricidade fina, consegue recortar e manusear bem o lápis e o pincel, no entanto, os seus registos em forma de desenho são apenas riscos

verticais e horizontais enquanto, os seus pares já começam a criar alguns desenhos perceptíveis (Consultar anexo nº10, fotografia nº13).

Relativamente ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita apenas pronuncia o seu nome e quando se lhe pede, saúda os seus colegas com um "Bom dia". No entanto, no que respeita às cores, esta criança tanto sabe nomear as cores com sua Língua Materna, o Português, como na Língua Estrangeira, o Inglês.

No que diz respeito do Domínio da Matemática, em relação às orientações espaciais, consegue entender facilmente o que é "dentro, fora, cima, baixo"; consegue seriar consoante o tamanho (grande e pequeno) e espessura (grosso e fino). Quanto à utilização de materiais relacionados com a área da matemática, quando chega o momento de escolher uma área para brincar, esta criança dirige-se automaticamente para a área dos jogos utilizando os blocos lógicos, leggos e cubos. Na numeração, consegue numerar até ao nº20 tanto na Língua Portuguesa como em Inglês (OCEPE,1997).

Intervenção no Contexto de Educação Pré-Escolar

2.1 Observar

Observar é a antítese da passividade. Observar não é só ver. É pôr os cinco sentidos em ação (Rigolet,1998:37).

Na prática profissional docente, como a estagiária pôde constatar com os estágios em EPE e 1ºCEB, torna-se imprescindível observar, uma vez que, *observar deverá ser a primeira e necessária etapa de uma intervenção pedagógica fundamentada, exigida pela prática quotidiana* (Estrela, 1990:80).

Como foi referido no Capítulo II - Metodologias de Investigação, mais precisamente no subcapítulo referente aos procedimentos metodológicos/Instrumentos e técnicas de recolha de dados, a estagiária recorreu nos dois estágios à observação, dado que nos permite *obter dados exatos, precisos e significativos, capazes de informar o professor ou educador sobre as necessárias modificações a implementar* (Parente, 2002:169). Por outro lado, Perrenoud (2000:49) diz que a observação *continua não tem apenas a função de coletar dados com vista a um balanço*, entendendo-se assim que *a sua primeira intenção é formativa*.

De acordo com OCEPE,

observa-se cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que

A simbiose da educação – aprender a ensinar , aprender a aprender em educação pré-escolar e ensino do 1º ciclo do ensino básico

as crianças vivem [...] para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades (OCEPE, 1997:25).

Através do ato de observar, a estagiária, em ambos os estágios, observou as crianças com NEE. Ao nível da EPE, a estagiária observou e percebeu as características individuais da criança, através de gestos e atitudes. No entanto, ao nível do 1ºCEB, o facto de a Professora Cooperante ter chamado à atenção de determinada criança, tornou-se necessário proceder à observação direta para tomar conhecimento das características individuais da aluna (Consultar anexo nº2.7). Uma evidência da importância do observar, foi ao nível do desenvolvimento da área da formação pessoal e social da criança da EPE (Consultar anexo nº2.6).

Deste modo e, também defendido por Estrela, *observar deverá ser a primeira e necessária etapa de uma intervenção pedagógica fundamentada, exigida pela prática quotidiana* (Estrela, 1990:80). Na linha deste pensamento, a estagiária, no início dos dois estágios procurou observar as características e necessidades das crianças para poder planear a sua intervenção de acordo com os interesses dos mesmos e, observou de igual forma o ambiente educativo em que se encontrava, uma vez que, o ambiente é importante e relevante para o sucesso da ação. Segundo as OCEPE, a organização e utilização dos diferentes espaços e materiais [...] *são expressão das intenções educativas e da dinâmica do grupo [...] onde os Jardins de Infância devem [...] evitar os espaços estereotipados e padronizados que não são desafiadores para as crianças* (OCEPE, 1997:38). No entanto, o ambiente educativo é tão importante na EPE como no Ensino do 1ºCEB uma vez que, de acordo com Serra (2004:17) deverá existir uma constante *organização e gestão de tempos, espaços, materiais e equipamentos*. Em ambos os estágios, houve a necessidade de alterar o espaço ou simplesmente de organizar o espaço para que as crianças/alunos tirassem maior aproveitamento das suas aprendizagens. Estas intervenções serão abordadas mais aprofundadamente no subcapítulo Agir/Intervir do presente Capítulo II.

Em Educação Pré-Escolar, o projeto "A grande viagem ao espaço" surgiu após a observação, por parte da educadora e da estagiária, perante o interesse que surgiu com uma música sobre os planetas (Consultar anexo nº4 - projeto "A grande viagem ao espaço"). Com isto, a estagiária quer referir a importância do ato de observar no papel de um educador/professor. Através da observação, o educador/professor capta os interesses das crianças e, a partir daí, surgem ideias que vão de encontro ao que é solicitado pelo grupo. Esta ideia é defendida por Morgado (2004:22,23) quando refere que o educador/professor deve adotar *uma atitude de observação constante que permita regular as opções em função dos objetivos do grupo, de cada aluno e de*

outras especificidades individuais e contextuais que cada situação tornará relevantes. Ao nível do 1ºCEB, foram utilizadas grelhas de observação que permitiram a perceção do nível de conhecimento dos alunos, percebendo quais os que sentiam maior dificuldade. Como foi referido no Capítulo I- Enquadramento Teórico, Diferenciação Pedagógica, é necessário e faz parte do papel do educador/professor realizar uma pedagogia diferenciada, tendo em conta as características de cada um e, para que haja essa noção da heterogeneidade de capacidades, o educador/professor deverá observar para refletir e atuar futuramente em conformidade com o que foi observado.

2.2 Planear/Planificar

Planificar, será, segundo Arends um processo que *conduz a situações educativas que se caracterizam por um encadeamento harmonioso de ideias, atividades e interações* (Arends, 1995:53). De acordo com Silva planificar é

organizar no tempo e no espaço, em doses de rentabilidade, as determinantes dos programas, consideradas, em função das ambiências, concretas e especificidades inerentes, as linhas estratégicas mais adequadas (1987:30).

Todo o processo de planificação pressupõe que educador/professor tenha cumprido o trabalho prévio que passa pela observação e reflexão acerca das características das crianças/alunos, conhecendo as dificuldades de cada um para que possa planificar e, mais tarde intervir, sempre com o intuito de promover aprendizagens significativas.

Segundo as OCEPE,

o contexto institucional de educação pré-escolar deve organizar-se como um ambiente facilitador do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças. Este ambiente deverá ainda proporcionar ocasiões de formação dos adultos que trabalham nesse contexto (OCEPE, 1997:31).

Assim, de acordo com o que foi supracitado, um dos fatores essenciais para o sucesso das aprendizagens é, sem dúvida, a organização do ambiente educativo. O educador/professor deve planear o ambiente educativo tendo em conta as diferentes áreas de conteúdo para criar um ambiente estimulante e desafiador para as aprendizagem. O papel do educador acarreta assim uma grande responsabilidade, uma vez que se torna indispensável que o *educador se interrogue sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planear e a fundamentar as razões dessa organização* (OCEPE, 1997:37).

Importa referir que, ao nível da planificação, mesmo existindo crianças/alunos com NEE, não houve a elaboração de planificações individuais e específicas a cada uma destas crianças. Ao nível da EPE, uma vez que o diagnóstico foi revelado no final

do ano letivo, não foi construído o programa individual, assim sendo, participava de igual forma nas atividades propostas. No que respeita à criança do 1ºCEB, também não era realizada uma planificação específica.

Ao nível da construção da planificação, o profissional da educação, poderá obter uma planificação linear ou planificação não-linear. Ao longo dos dois estágios, a estagiária valorizou bastante o momento da planificação com a educadora/professora cooperante, dado que, segundo Escudero (1982), planificar passa por

prever os possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projeto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar (Escudero, 1982 cit. por Zabalza, 1994:47).

No início dos dois estágios, trocaram-se ideias sobre a forma mais adequada na construção da planificação. Ao nível da EPE, a educadora cooperante efetuava as suas planificações em forma de grelha/tabela, onde estava presente o modo linear da planificação. Este modo linear assenta em planificações focadas nas metas e nos objetivos, nas ações e nas atividades específicas. A estagiária, num momento de troca de saberes com a educadora, pediu o seu parecer acerca de iniciar a planificação em rede, modo não-linear. No entanto, para que se continuasse a seguir o modelo pré-definido pela responsável da sala, a estagiária optou por seguir uma planificação que sustentasse os dois modos (linear/não-linear) (Consultar anexo nº1.2 - Planificação de EPE). Inicialmente, a estagiária, para se melhor organizar, definiu as áreas de conteúdo com cores. Assim, na planificação em rede, era exposto o foco das atividades e, a partir daí, as atividades seguintes. De seguida, era apresentada uma grelha que continham as áreas de conteúdo abrangidas em cada atividade, os objetivos a atingir por cada criança, as estratégias e ainda os recursos humanos e materiais.

Em relação ao estágio de 1ºCEB, a estagiária optou por apenas utilizar o modo linear. Esta planificação continha indicadores de conteúdo, estratégias, recursos materiais e humanos, o tempo necessário para cada atividade, a forma como seriam avaliadas as atividades e ainda as respetivas metas curriculares. No final de cada grelha de planificação, existia uma parte descritiva, onde eram descritas ao pormenor cada atividade a realizar (Consultar anexo nº 1.1 - Planificação 1ºCEB).

Com base no documento das OCEPE,

o planeamento realizado com a participação das crianças, permite ao grupo beneficiar da sua diversidade, das capacidades e competências de cada criança, num processo de partilha facilitadora da aprendizagem e do desenvolvimento de todas e de cada uma (OCEPE, 1997:26).

Assim, a estagiária na construção dos "mini-projetos" planeou com as crianças de acordo com as ideias partilhadas por elas (Consultar anexo nº4 - Projeto- Corpo Humano; Anexo nº4 - Projeto - A grande viagem ao espaço e consultar anexo nº 9.6). Ao nível do estágio de 1ºCEB, a estagiária, bem como o seu par pedagógico, tentaram inserir a aprendizagem de uma forma mais lúdica. Assim, existiram algumas atividades como, a construção dos sólidos geométricos que surgiu da ideia do grande grupo, depois de terem sido apresentadas as aprendizagens acerca dos mesmos (Consultar anexo nº 1.3 - Planificação dos Sólidos Geométricos). A intervenção educativa no 1ºCEB, ao nível da planificação, foi bastante importante para a estagiária pois, com a ajuda da Professora Cooperante bem como com o apoio do Supervisor, foi possível planificar adaptando o currículo às necessidades e características da turma e não limitando somente aos manuais.

É importante referir que, tal como na EPE e no 1ºCEB, a planificação é flexível e aberta, o que permite a alteração ou ajustamento perante um determinado imprevisto. No entanto, faz parte do trabalho de um bom profissional da educação adaptar-se a qualquer eventualidade nunca pondo de parte os interesses das crianças/alunos (Consultar anexo nº 8.1- Reflexão: planificação).

Por fim, uma outra forma de planificação, abordada no estágio de EPE, foram as assembleias gerais. Nesta Instituição existia um projeto, filosofia para crianças, onde todos os meses abordávamos e, era escolhido um tema para abordar, como por exemplo o "cuidar". Todas as salas ficavam encarregues de explorar e tentar perceber de que se tratava para que, na assembleia seguinte, pudessem mostrar à restante escola o que descobriram. Através deste projeto da grande escola, surgiram vários interesses e ideias das crianças. Deste modo, as estagiárias reuniram-se e decidiram planificar com todo o grupo da Educação Pré-Escolar uma atividade sugerida por eles, a construção do espantalho (Consultar anexo nº 4 Anexo - Projeto: Espantalho).

2.3 Agir/Intervir

Segundo Dewey, citado por Roldão (1994:67),

o aprendiz é considerado um agente ativo [...] a aprendizagem não ocorre através da receção passiva de informação transmitida. O único conhecimento é, na sua perspetiva, aquele que se adquire através da experiência pessoal.

Quer ao nível do estágio de EPE quer ao nível de 1ºCEB, a estagiária procurou sempre que as crianças/alunos fossem agentes ativos, ou seja, que fossem os protagonistas das suas próprias aprendizagens. No entanto, em toda a intervenção

educativa, foram utilizados os métodos de ensino que seguidamente se abordam. Segundo Oliveira & Machado, citado por Gouveia (2008) existem quatro métodos pedagógicos sendo eles, o método expositivo, o interrogativo, o demonstrativo e o ativo. Ao longo de todo este percurso a estagiária procurou agir em conformidade com os métodos ativo e experimental. Contudo, principalmente ao nível do 1ºCEB, por vezes foram utilizados os métodos demonstrativo e expositivo. Como foi mencionado no Capítulo I - Enquadramento teórico, no processo de ensino estão implícitas as pedagogias educacionais. De acordo com a intervenção efetuada em ambos os estágios, apesar de existirem diferenças na forma como a intervenção decorreu, será importante mencionar que as pedagogias seguidas pela estagiária passaram por, pedagogia não-diretiva e pedagogia relacional. Com a prática e com a fundamentação teórica apresentadas, poderá então dizer-se que os métodos pedagógicos e as pedagogias educacionais postas em prática são complementares.

Em ambos os contextos, uma vez que as crianças/alunos partilhavam as suas ideias, os seus interesses, davam a conhecer os seus pareceres sobre o que gostavam ou não de fazer, pode-se dizer que se tornaram sujeitos ativos das suas aprendizagens. Pelo facto de se dar oportunidade e voz a todos os discentes, obteve-se *um efeito considerável no desenvolvimento dos valores democráticos, atitudes e capacidades sociais dos estudantes pelo encorajamento da cooperação, da discussão e do livre intercâmbio de ideias* (Roldão, 1994:70). Tendo em consideração o método ativo e a pedagogia relacional, na EPE, onde surgiu a Metodologia de Projeto, os projetos que foram levados a cabo iniciaram-se através de interesses das crianças, como por exemplo o projeto "A Grande Viagem ao Espaço", com simples perguntas: "O que são planetas?" " Vamos ao espaço como?", "De autocarro?" (Consultar anexo nº4 - projetos). Em concordância com os interesses das crianças, pesquisaram em livros e fotografias, a resposta para as suas dúvidas: quantos planetas existem?, O que é um foguetão?, Como se chama quem vai ao espaço?. Trata-se de um projeto onde a motivação e curiosidade das crianças foi uma constante, o que permitiu concluir o projeto com sucesso. Ao nível do 1ºCEB, proporcionaram-se momentos de incentivo ao espírito de curiosidade e autonomia.

Relativamente ao método experimental, em EPE, uma das atividades que foi ao encontro deste método foi "Vamos ser cientistas!". Procedeu-se à leitura da história acompanhada por um power point e, no final, a estagiária interveio de forma a suscitar o espírito de descoberta das crianças. Assim, encarnaram o papel de cientistas e descobriram, autonomamente, se era verdade ou não que a junção das cores azul e amarelo originava a cor verde (Consultar anexo nº9.3 - Avaliação da atividade "O pequeno azul e o pequeno amarelo"). Uma outra atividade onde estava

implícito o método experimental foi a atividade dos cinco sentidos, atividade essa que se encontra interligada na construção do Corpo Humano (Consultar anexo nº10 - fotografia nº 7 e 8). Por fim, uma outra atividade onde esteve presente o método ativo e o método experimental foi na "Visita do capuchinho vermelho", onde confeccionaram um bolo (consultar anexo nº 10, fotografia nº 10). No que toca ao 1ºCEB, uma atividade em que os alunos adquiriram as aprendizagens através do método experimental foi uma das atividades relacionada com os sólidos geométricos (Consultar anexo nº9.5 - avaliação da atividade dos sólidos). A estagiária levou, para o contexto educativo, objetos do dia-a-dia com a forma de um sólido geométrico e os alunos tentavam agrupá-los conforme as características mencionadas pela estagiária. Aqui, um a um, os alunos tinham oportunidade de experimentar e só depois os classificavam de acordo com as características. No entanto, por muito que a estagiária tentasse apresentar atividades onde os alunos fossem os protagonistas das suas aprendizagens, onde está implícito o método ativo e experimental, por vezes era necessário pôr em prática o método demonstrativo e expositivo para dar a conhecer alguns conteúdos. Contudo, o método expositivo e a pedagogia não-relacional, foram menos utilizados pela estagiária.

Uma das grandes semelhanças que a estagiária encontrou nos dois estágios, com a leitura do PE das instituições, foi que ambas apontavam e direcionavam parte do seu empenho e trabalho para o desenvolvimento da sensibilização dos valores morais e sociais. Assim, procurou-se a promoção de aprendizagens ao nível da cooperação como saber trabalhar em grupo, respeitar e escutar os outros. Foram planificadas atividades interligadas com a área da formação pessoal e social para que se pudesse consciencializar cada um acerca da importância da mesma. Ao nível da EPE, uma das atividades direcionadas neste sentido, foi a construção do quadro das regras, que iam ao encontro de saber como respeitar os outros e como respeitar e cuidar do espaço que lhes pertencia, neste caso, a escola (Consultar anexo nº 9.2 - avaliação da atividade do quadro das regras). Posteriormente, em diversos momentos, a estagiária pôde presenciar crianças a chamarem os pares à atenção porque não estavam a cumprir as regras estabelecidas. Ainda no estágio de EPE,

foram surgindo momentos em que a estagiária e a educadora recorriam sempre às crianças para as ajudar, como em momentos de distribuição de fotografias para o quadro das presenças como para a distribuição dos instrumentos musicais. (Consultar Anexo nº 8.2- reflexão Responsáveis)

A determinada altura, as crianças não conseguiam perceber que todos tinham que ter a mesma oportunidade de participar. Assim, após uma conversa com o grande grupo, todos chegaram à conclusão que o melhor seria construir um quadro dos responsáveis. Aqui a estagiária pôde explorar mais uma vez os princípios e valores

morais, interligando-a com a área do domínio da matemática, uma vez que adquiriram a noção de par.

No que respeita ao 1ºCEB, esta área foi trabalhada diariamente, não existindo nenhuma atividade específica. No entanto, a estagiária poderia ter estabelecido igualmente o quadro dos responsáveis uma vez que a distribuição de material era feita diariamente.

Segundo as OCEPE, o processo da aprendizagem implica que as crianças compreendam como o espaço está organizado e como pode ser utilizado e que participassem nessa organização e nas decisões sobre o espaço, dos materiais e das atividades possíveis é também condição de autonomia da criança e do grupo (OCEPE, 1997:38).

Parafraseando as OCEPE, a estagiária procedeu à reflexão acerca da importância da organização dos espaços (Consultar anexo nº8.3 - Reflexão - Organização do espaço e do tempo), assim após a observação dos espaços, tanto a nível da EPE como do Ensino em 1ºCiclo do Ensino Básico, procedeu às intervenções mencionadas em seguida.

No que concerne a esta organização, na valência do Pré-Escolar,

quando a estagiária iniciou o estágio demorou pouco tempo a perceber que, no momento de explorar as áreas se tornava um momento complicado em decidir quem é que ia para cada área. Após algum tempo de observação e de conversas com as crianças, onde tentava explicar que não podiam ir todos para as mesmas áreas, a educadora e a estagiária decidiram que seria melhor implementar algo de novo na sala que resolvesse este pequeno problema (Consultar anexo nº 9.1 - identificação das áreas).

Assim, para que se pudesse resolver esta situação, decidimos em unanimidade (educadora, crianças e estagiária), implementar o uso dos colares na sala. Primeiramente, todas as áreas da sala foram identificadas com o respetivo nome e com uma imagem, no momento seguinte,

Consoante o espaço da área e o tipo de brincadeiras que podem ser feitas, decidimos em conjunto o número de crianças que poderia estar em cada área. Num momento da manhã, com a ajuda das crianças, a estagiária apresentou os cartões e, por associação, as crianças foram conseguindo identificar cada área à respetiva placa. Posto isto, consoante o número de colares que havia em cada área (os colares continham a mesma imagem das placas) já sabiam o número de crianças que podiam estar em cada área da sala. (Consultar Anexo nº 9.1 - Identificação das áreas).

Compreende-se que ao nível do 1ºCEB, a organização do ambiente educativo é igualmente importante e promissor de novos conhecimentos. Segundo Serra (2004) o ambiente educativo do Ensino de 1ºCiclo do Ensino Básico

é menos agradável, não existem normalmente, brinquedos expostos, as crianças tornam-se mais individualistas, dado que cada um tem o seu material e não existe uma atmosfera própria ao diálogo (2004:110).

Verificou-se, ao longo do estágio, que era importante a ajuda entre os alunos na superação e conquista das aprendizagens. Deste modo, as estagiárias e a Professora Cooperante, ao longo do estágio, reajustaram os lugares dos alunos tendo em conta as necessidades de cada um. Este reajuste de lugares e a organização do ambiente educativo, no estágio de EB, surgiu em consequência dos diferentes níveis de aprendizagem dos alunos. Como refere Cochito (2004) trabalhar em equipa

é aprender a cooperar com os outros no próprio ato de aprender, é assumir a nossa própria condição comunitária, onde cada um não é sozinho, onde Ser Humano é Ser-Com-os-Outros (2004:8).

No início do estágio, o par pedagógico, percebeu que existiam crianças com dificuldades de aprendizagem o que, para a estagiária foi uma preocupação no sentido de assegurar que as aprendizagens iriam ser conseguidas por todos os alunos. Assim, uma vez que o grupo de 1ºCEB era bastante heterogéneo, os alunos foram sentados de forma a que se ajudassem mutuamente nas suas dificuldades. Em dois casos específicos de alunos que tinham dificuldades de aprendizagem, no final do 1ºperíodo foi notório o desenvolvimento tanto a nível da aquisição das aprendizagens como na capacidade de prestar atenção. No que respeita ao estágio de EPE, estes momentos de interajuda eram uma constante e surgiam naturalmente. Quando uma criança não conseguia fazer alguma tarefa, como por exemplo cortar, rasgar ou até mesmo responder a uma pergunta, a estagiária intervinha perguntando "Quem quer ajudar?". Uma vez que um dos princípios gerais mencionados nas OCEPE passa por *estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas diferenças individuais [...]*, a estagiária tomou a postura de mostrar o que é ajudar sem criticar (OCEPE,1997:15). Assim, Bessa e Fontaine (2002) defendem que *[...] a aprendizagem cooperativa constitui uma estratégia poderosa da promoção da aprendizagem e da realização escolar, uma vez que conduz sistematicamente a melhores resultados [...]* (2002:85).

No que respeita às crianças com NEE em ambos os contextos, o modo de intervir e interagir com elas foi distinto do grande grupo. Apesar de ao nível da planificação não existir qualquer diferença, o modo como a estagiária ajudava e se relacionava era diferente do restante grupo. No que concerne à criança da EPE, a estagiária reservou vários momentos para brincar e tentar se aproximar para que conseguisse criar um relação de confiança. Com este longo processo, nos últimos tempos de estágio, a criança já interagiu frequentemente com a estagiária (Consultar anexo nº10, fotografia nº 14 e 15). Relativamente ao modo de intervir com a aluna do 1ºano, 1ºCEB, a estagiária procurava aproximar-se várias vezes para ver o ponto de situação. Frequentemente, um dia por semana, juntamente com a Professora Cooperante, a estagiária participava nas sessões de apoio ao estudo para auxiliar os alunos que tinham dificuldades.

A simbiose da educação – aprender a ensinar , aprender a aprender em educação pré-escolar e ensino do 1º ciclo do ensino básico

Por fim, um parâmetro bastante importante para a estagiária foi o envolvimento parental. Segundo o Projeto Educativo da Instituição onde foi realizado o estágio de EPE,

Uma cooperação entre pais /EE e escola/professores repercute-se positivamente na educação/aprendizagem conducente ao sucesso escolar e na apropriação de hábitos de trabalho e sentido de responsabilidade, pelo que, sem o apoio, envolvimento e comprometimento dos pais/EE, o espaço de ação dos educadores/professores se encontra limitado (PE, 2011/2014:4).

O Envolvimento Parental, segundo as OCEPE, é essencial uma vez que a família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre dois sistemas (1997:42). O educador/professor tem a função de comunicar com os EE acerca do desenvolvimento e do progresso das crianças/alunos. Contudo, se for possível, o profissional de educação deverá sempre tentar que os EE contribuam de forma ativa nas aprendizagens das crianças. A estagiária aprendeu muito acerca do envolvimento parental, a forma como era possível integrar os pais na educação das crianças/alunos no estágio de EPE, uma vez que, segundo o ME a *colaboração dos pais, e também de outros membros da comunidade, o contributo dos seus saberes e competências para o trabalho educativo a desenvolver com as crianças, é um meio de alargar e enriquecer as situações de aprendizagem (1997:43).*

No estágio de EPE, a estagiária pôde vivenciar e experimentar alguns momentos de envolvimento parental.

Uma vez que os alunos da sala dos 3 anos sempre revelaram grande interesse na área de expressão musical, a educadora procurou que um dos encarregados de educação, sendo professor de música, pudesse partilhar alguns dos seus conhecimentos com os nossos alunos.

Assim, durante umas semanas, este pai, nos momentos de acolhimento ensinava-nos algumas músicas o que permitia que as crianças desfrutassem de uns momentos de aprendizagem diferentes. Posteriormente, aproveitando o interesse e a vontade das crianças foi decido construir um cantinho da música na sala. Foi enviado a todos os encarregados de educação uma circular, (consultar anexo nº7 - Circular), para que ajudassem na construção da mesma. O resultado foi bastante positivo visto que todas as crianças levaram para a sala o que foi pedido e com materiais bastante diferentes (Consultar anexo nº 8.4- Reflexão: Envolvimento Parental e consultar anexo nº 10, imagem nº9).

Ao nível do 1ºCEB, este envolvimento parental adquiriu outros contornos, onde a comunicação entres os EE e a Professora Cooperante era realizada através da caderneta dos alunos.

Por fim, uma intervenção bastante significativa para a estagiária foi a oportunidade dada pela Educadora Cooperante, em poder intervir na reunião de pais no final do ano letivo.

Todas estas atividades, progressos e sobretudo aprendizagens, não poderiam existir sem um ato fundamental no papel de um educador/professor. Assim sendo, no

tópico seguinte, a estagiária passará a explicar a avaliação que foi realizada, tanto ao nível das aprendizagens propostas como a avaliação realizada no seu progresso enquanto aprendiz.

2.4 Avaliação dos processos Ensino - Aprendizagem

No mundo da Educação, os processos utilizados para atingir determinados objetivos, para que o educador/professor tenha consciência da sua intervenção, devem ser avaliados. A avaliação é entendida como um fator integrante e deverá fazer parte da intervenção educativa de qualquer profissional da educação, uma vez que [...] *é um elemento integrante e regulador da prática educativa, em cada nível de educação e ensino e implica princípios e procedimentos adequados às suas especificidades* (CIRCULAR Nº4/DGIDC/DSDC/2011:1). Esta avaliação deve ser da responsabilidade do educador/professor, contudo, as crianças/alunos deverão ser integrados nessa mesma avaliação. Segundo Monteiro e Pais (2005), a avaliação [...] *tem que ser entendida pelo aluno e pelo professor como um meio que lhes permita avaliar as aprendizagens feitas* (2005:52).

Na educação pré-escolar,

avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças, do grupo e sua evolução. A avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. [...] a avaliação é suporte do planeamento (OCEPE, 1997:27).

Já ao nível do 1ºCEB, Roldão (2003) defende que

avaliar é um conjunto organizado de processos que visam o acompanhamento regulador de qualquer aprendizagem pretendida, e que incorporam, por isso mesmo a verificação da sua consecução (2003:41).

Nos presentes estágios, tanto em EPE como em 1ºCEB, a avaliação formativa foi a mais utilizada, uma vez que se foca em todo o processo da aprendizagem e não só nos resultados obtidos. Este tipo de avaliação permite que o aluno bem como o professor tenham acesso a informações que demonstrem como está a correr o processo de aprendizagem. Trata-se de uma avaliação que *permite a reconstrução contínua da prática, adaptando-a e adequando-a quer aos alunos quer aos contextos onde se desenrola* (Ribeiro, 2005:107). No entanto, trata-se de uma avaliação que exige instrumentos de avaliação adequados quer à criança como ao grupo, de forma a que seja possível obter um feedback acerca da capacidade de aquisição das aprendizagens.

No que respeita, especificamente, ao estágio de EPE, a avaliação formativa esteve sempre implícita, quer nas atividades planificadas quer ao nível dos grandes projetos lúdicos, de modo a perceber o que aprenderam, o que mais gostaram ou o que não gostaram tanto. De acordo com o Dec-lei nº139/2012 de 5 de Julho (p.3481), a avaliação formativa *gera medidas pedagógicas adequadas às características dos alunos e à aprendizagem a desenvolver*. Como foi referido no Capítulo II - metodologias de intervenção, uma forma de recolha de dados e que auxiliou a estagiária na avaliação do conhecimento das crianças, consistiu nas grelhas de avaliação. Este instrumento de recolha de dados tinha por base os objetivos que a estagiária definiu na planificação das mesmas. Assim, como por exemplo, na atividade dos blocos lógicos, realizada no estágio de EPE, foi necessário realizar uma avaliação diagnóstica. Primeiramente a estagiária abordou o tema para perceber o ponto de situação relativamente a tais conhecimentos onde preencheu uma grelha de avaliação e, posteriormente à atividade orientada, a estagiária voltou a utilizar a mesma grelha para verificar se houve ou não a aquisição das aprendizagens. Deste modo, foram não só avaliadas as crianças, na aquisição dos conhecimentos pretendidos, mas também a intervenção da estagiária.

Uma outra forma de colocar em prática a avaliação formativa foi ao nível do projeto lúdico. No final da concretização do projeto "O Corpo Humano", a estagiária avaliou com as crianças, questionando-as sobre o que aprenderam com o "Corpo do João" bem como o que mais gostaram de fazer (Consultar anexo nº9.7 - Avaliação do projeto).

No entanto, no estágio do 1ºCEB, a avaliação formativa foi posta em prática de um modo distinto da EPE. De acordo com o Despacho Normativo nº1/2005:72, deverá existir a *primazia da avaliação formativa com a valorização dos processos de auto avaliação sumativa*. As fichas formativas, segundo Gouveia (2008:17), *têm o intuito de regular e proporcionar um duplo feedback professor e aluno*. Assim, a avaliação formativa na valência de 1ºCEB era realizada através de fichas formativas e também em momentos onde eram revistas as aprendizagens, como por exemplo, no início da cada manhã.

Uma das estratégias utilizada pela estagiária, após a sugestão do supervisor, foi a utilização do resultado das próprias atividades como forma de avaliação (Consultar anexo nº 9.4 e 9.5 - Construção de BI; cartolina dos sólidos geométricos). Tornou-se uma aprendizagem bastante significativa para a estagiária, uma vez que partilha da ideia que a avaliação dos alunos não deverá apenas limitar-se ao resultado das fichas de autoavaliação, mas sim a todo o processo envolvido. Uma outra estratégia utilizada no 1ºCEB foi a autoavaliação. Num dos momentos de troca

de opiniões e saberes, entre a estagiária, o par pedagógico e a Professora Cooperante, abordou-se a ideia de iniciar a autoavaliação das aprendizagens por parte dos alunos. Colocou-se em prática esta ideia através das fichas formativas que eram fornecidas como forma de reforço dos conteúdos lecionados, como já foi referenciado anteriormente. No final de cada ficha de trabalho, os alunos tinham um espaço específico para colocar o grau de dificuldade que sentiram na elaboração da mesma (Consultar anexo nº 9.8 - Autoavaliação dos alunos nas fichas formativas). Uma vez que se tratava do 1ºano, mais concretamente, no 1ºperíodo do ano letivo, ainda não conseguiam ler, por isso, adotou-se um "smile" que pintavam de verde (correu bem), ou de amarelo (consegui fazer mas tive dificuldade) ou laranja ou vermelho (não consegui realizar a ficha) (Consultar anexo nº5 - Ficha formativa).

Ao nível da avaliação diagnóstica, segundo o decreto-lei nº139/2012 de 5 de Julho, é um género de avaliação *que visa facilitar a integração escolar do aluno, apoiando a orientação escolar e vocacional e o reajustamento de estratégias de ensino* (p.3481). Com esta avaliação pretende-se saber o que cada criança e o grupo já sabem, as necessidades e os interesses, como já foi mencionado anteriormente. Esta avaliação é um fator em comum com os dos estágios, uma vez que se trata de uma avaliação que deverá ser realizada no início e no decorrer do ano letivo para que o professor possa adequar as suas planificações e intervenções consoante as capacidades já adquiridas, tendo sempre em conta a diferenciação pedagógica.

Por último, no que concerne à avaliação sumativa, segundo o Dec-lei nº139/2012, artigo nº25, nº4, *a avaliação sumativa dá origem a uma tomada de decisão sobre a progressão, retenção ou reorientação do percurso educativo do aluno*. Assim sendo, esta avaliação é um balanço das aprendizagens, no final de cada período, semestre e ano letivo. Segundo o mesmo Dec-lei mas já no artigo nº26, nº2, *no 1º ciclo do ensino básico, a informação resultante da avaliação sumativa interna materializa-se de forma descritiva em todas as áreas curriculares, com exceção das disciplinas de Língua Portuguesa e de Matemática no 4ºano de escolaridade, a qual se expressa numa escala de 1 a 5*. A este nível do 1ºCEB, a estagiária só teve oportunidade de observar os alunos na realização de uma ficha sumativa, sem poder intervir nem avaliar. No que respeita à EPE, pôde assistir momentos em que a Educadora Cooperante preenchia as fichas de cada aluno no final do ano letivo. No que toca à avaliação sumativa das crianças com NEE, a estagiária verificou que era efetuada de forma homogénea em todo o grupo, dado que a criança da EPE bem como a aluna do 1ºCEB não possuíam um programa individual.

Assim, com toda a experiência vivenciada ao nível da avaliação, a estagiária percebeu que, para uma boa intervenção, é preciso avaliar o que está ao nosso redor e é preciso autoavaliar-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta última parte escrita do relatório, serão expostos alguns pontos como a autoavaliação da estagiária, a importância deste dois estágios em valências distintas bem como o que foi aprendido com o objetivo de, a estagiária, se tornar uma boa profissional num futuro próximo. Ao longo desde Mestrado e, essencialmente com a intervenção em ambas as valências, a estagiária sempre teve como perspectivas aprender a ensinar e aprender a aprender, ou seja, tentar adquirir o máximo de conhecimentos possíveis através da experiência dos profissionais com quem trabalhou bem como com as crianças/alunos. Com a concretização destes estágios, a mestranda procurou aprender de tudo um pouco, tanto a nível profissional como a nível intelectual, para que pudesse tornar-se numa boa educadora/professora.

Ao longo de todo o percurso académico, foram transmitidas as ideias de um professor investigador, um professor que está em constante aprendizagem e de que existem parâmetros essenciais no processo de ensino. A estagiária tinha como principal objetivo perceber a aplicabilidade dessas teorias na prática.

Em ambos os estágios, o ato de avaliar foi constante, com a finalidade de melhorar e adequar a prática educativa. No entanto, todo este caminho foi possível com o apoio e ajuda de alguns elementos imprescindíveis e que serão referidos mais à frente. Como já foi mencionado ao longo do relatório, para que esta avaliação da sua prática fosse possível, a estagiária sentiu necessidade de refletir quer ao nível das atividades propostas quer em relação à sua postura face ao contexto onde estava inserida.

No que respeita ao estágio de 1ºCiclo do Ensino Básico, em relação ao avaliar, tornou-se fundamental o acompanhamento do par pedagógico, na medida em que permitiu que fosse possível a troca de ideias sobre o que poderia melhorar. Este acompanhamento possibilitou que a estagiária tomasse conhecimento de algumas situações que, por vezes, não se conseguia aperceber, como por exemplo, se alguma criança estava a sentir dificuldade e não solicitava ajuda. Através deste à-vontade que existia entre o par pedagógico, ajudaram-se mutuamente e, assim, foi possível evoluir ao logo do estágio. No entanto, este progresso deveu-se também à supervisão

pedagógica que proporcionou vários encontros onde foram dadas sugestões de melhoria e desafios. Não é possível deixar de referir o apoio, disponibilidade e momentos de partilha de saberes por parte da Professora Cooperante. A relação estabelecida entre a estagiária e a mesma permitiu que existissem chamadas de atenção sempre que necessário, com o propósito de que numa intervenção futura fosse melhorado algum aspeto. No mesmo âmbito da avaliação, mas agora referindo o estágio em Educação Pré-Escolar, existiu igualmente a construção do portfólio reflexivo, anexando a avaliação das atividades realizadas. Tal como aconteceu no estágio de 1ºCEB, a relação com a Educadora Cooperante permitiu que a estagiária fosse evoluindo ao longo do percurso que efetuou. No final de cada dia, a estagiária e a educadora reservavam sempre alguns minutos para que pudessem realizar o balanço do dia, apontando o que correu bem e o que poderia ser melhorado.

No início dos estágios, a estagiária teve a necessidade de consultar todos os documentos institucionais, como já foi referido anteriormente no Capítulo III - intervenção, como o PE, RI, PAA. Foi necessária esta consulta para que pudesse perceber o funcionamento das instituições e agir conforme os valores e ideais de cada uma. Tornou-se igualmente necessário entender o que se entende e o que se espera de um bom profissional da educação. Assim, a estagiária, tomou como ponto de partida, que a criança deverá ser sempre o foco do trabalho realizado e, deve direcionar tudo em prol de satisfazer as necessidades e interesses, com o intuito de proporcionar um desenvolvimento integral à criança/aluno.

No início de todo este percurso, no 1º estágio em Educação Pré-Escolar, não correu tudo como desejado. O facto de a estagiária não ter conseguido gerir emoções, de não ter sido capaz de "separar as águas", fez com que não se entregasse a 100% a quem devia, ao trabalho a realizar com as crianças. É certo que foi um estágio não concretizado a nível académico, no entanto, foi uma aprendizagem bastante significativa para a estagiária. A partir daí, em momentos de reflexão pessoal, percebeu que tinha que mudar de atitude, tinha que ser capaz de lutar pelo que queria e não deixar que fatores externos influenciassem daquela forma o seu futuro profissional. Deste modo, quando o estágio de 1ºCEB se iniciou, a sua postura mudou significativamente. No entanto, os medos e receios de falhar perante o grupo, de não conseguir motivar os alunos para as aprendizagens eram inicialmente uma constante. Ao longo do tempo, a estagiária começou a ganhar confiança e controlo na gestão do grupo, o que fez com que esses receios se fossem dissipando. Deste modo, foi possível que a estagiária se dedicasse "de corpo e alma" ao seu trabalho, às crianças e a tudo o que estava implícito para que realizasse um bom estágio.

Ao longo destes estágios, foram adquiridas várias aprendizagens como o saber observar, refletir, intervir e avaliar. No início de ambos os estágios foi complicado gerir as todas, não sabendo o que observar, nem como conseguiria observar enquanto a sua intervenção decorria. Com as ajudas que foi tendo, como já foi referido, a estagiária foi evoluindo ao longo do tempo, percebendo o que era importante observar bem como as crianças/alunos que necessitavam de mais auxílio. A observação foi tornando-se assim um ato necessário e imprescindível para que pudesse refletir sobre a sua prática e, posteriormente, melhorar a sua intervenção. Com a observação, tanto no estágio de Ensino do 1ºCEB como no estágio de EPE, a estagiária percebeu quais as crianças que necessitavam de maior acompanhamento devido às dificuldades de aprendizagem. Na EPE, segundo do Decreto-Lei nº241/2001 de 30 de Agosto (anexo nº1,II,3.a)),

o educador de infância observa cada criança, bem como os pequenos grupos e o grande grupo, com vista a uma planificação de atividades e projetos adequados às necessidades da criança e do grupo e aos objetivos de desenvolvimento de aprendizagem.

Desta forma, e como já foi referido no Capítulo III - Intervenção-planear/planificar, a estagiária procurou planificar de acordo com os interesses e necessidades das crianças. Contudo, a este nível da planificação e seguidamente na intervenção, no início do estágio, quando a estagiária verificou que tinha uma criança com NEE e ficou preocupada, na medida em que não sabia como planificar e intervir para que chegasse ao grande grupo. Uma vez que esta criança ainda não tinha um diagnóstico definitivo, a estagiária, tomou a iniciativa de pesquisar e tentar perceber quais as suas características. Assim, consoante o que foi percebendo e, em colaboração com a Educadora, tentou-se adaptar e conquistar a criança para que interviesse nas atividades. No final do estágio, fazendo uma retrospectiva, é notória a evolução desta criança, uma vez que a sua principal característica é a dificuldade em estabelecer relações pessoais e, a estagiária conseguiu "chegar" até à criança, fazendo com que participasse nas atividades. Uma evidência desta evolução foi que no início do estágio, no momento de distribuir as fotografias para marcar as presenças, esta criança não participava, no entanto, perto do final do ano letivo, quando era solicitada a sua participação ela já não recusava. No que respeita à planificação, a estagiária planificou com as crianças em diversos momentos. No início do estágio, a estagiária questionava-se como planificar com crianças tão novas e se seria possível levar a cabo todas as ideias. Na primeira intervenção neste sentido de planificar com as crianças, a estagiária ficou deliciada e espantada com o espírito criativo que tinha. Surgiram ideias fantásticas e, ao contrário do que a estagiária pensava, surgiram imensas ideias. Aqui, o método ativo, onde as crianças são o sujeito ativo das suas

aprendizagens estava implícito, no entanto a estagiária teve como papel orientar e organizar as ideias para que fosse possível a concretização das mesmas.

Ao nível do 1ºCEB, a planificação era realizada sobretudo com a Professora Cooperante e com o respetivo par pedagógico. A planificação realizada com os alunos foi algo que não surgiu tão concretamente como no estágio em EPE. No entanto, no início da intervenção, surgia diariamente um tempo de conversa com os alunos onde eram expostas as dúvidas que os alunos sentiam, o que gostavam de fazer perante determinado conteúdo e, assim, a estagiária juntamente com a professora cooperante, tentava adaptar a planificação aos interesses dos alunos.

Uma das grandes aprendizagens, nos dois estágios, foi a noção de que realmente a planificação deve ser flexível. Em vários momentos, as crianças iniciavam ou pediam outras atividades, o que fez com que a estagiária fosse desenvolvendo a capacidade de se adaptar a eventualidades que surgiam. No início, quando surgiam estas eventualidades, a estagiária sentia-se "desamparada", no entanto, ao longo do tempo, foi tomando a capacidade de prever tais eventualidades e quando assim acontecia, tinha que as saber contornar, adaptando-se e tendo sempre em conta os interesses do grupo.

No que concerne à evolução da estagiária ao nível da reflexão, observação, intervenção e avaliação, foi necessária a utilização de técnicas e instrumentos. Segundo o decreto-lei nº241/2001 de 30 de Agosto (anexo nº1, II, 3. e)), o educador *avalia, numa perspetiva formativa, a sua intervenção, o ambiente e os processos educativos adotados bem como o desenvolvimento e aprendizagens de cada criança e do grupo*. Assim, a estagiária procurou avaliar a sua prática, observando o que tinha conseguido, refletindo sobre o que correu bem ou não e, deste modo, melhorar para promover o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Uma vez que no relatório é mencionado o conceito de professor generalista, importa agora reconhecer a necessidade da continuidade pedagógica entre a EPE e o 1ºCEB. De acordo com a Circular nº17/DSDC/DEPEB/2007,

aos educadores de infância e professores do 1ºciclo compete ter uma atitude proactiva na procura desta continuidade/sequencialidade, não deixando de afirmar a especificidade, de cada etapa, porém criando condições para uma articulação co-construída escutando os pais, os profissionais, as crianças e as suas perspetivas (2007:6).

A estagiária procurou entender a continuidade pedagógica e, uma das evidências, já mencionadas na parte da intervenção educativa, foi a organização do ambiente educativo, quer na EPE quer no 1ºCEB. Nos dois estágios percebeu que a capacidade que o educador/professor tem de organizar o ambiente educativo influencia significativamente as aprendizagens das crianças/alunos. Uma outra

evidência são as semelhanças encontradas entre estas duas valências. Ao nível das aprendizagens, a estagiária encontrou essencialmente duas semelhanças. Uma vez que no estágio em EPE se encontrava na sala dos 3 anos e no estágio do EB numa turma do 1º ano de escolaridade, a fase de adaptação das crianças/alunos à instituição bem como aos colegas existiu nas duas valências. É certo que, de acordo com a calendarização do estágio de EPE a estagiária não vivenciou esta experiência desde o início, no entanto, esta adaptação foi constante ao longo do ano letivo. Ao nível do EB, acompanhou de perto a primeira fase de adaptação, a fase de os alunos se conhecerem entre si. Uma outra evidência foi o trabalho orientado em torno da motricidade fina, mais precisamente do manuseamento do lápis. Tanto na EPE como no EB, a estagiária planificou atividades com este objetivo.

A docência generalista, de acordo com o decreto-lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro, *privilegia-se, neste novo sistema, uma maior abrangência de níveis e ciclos de ensino a fim de tornar possível a mobilidade de docentes entre os mesmo* (p.1320). Esta nova possibilidade de formação na educação permite *o acompanhamento dos alunos pelos mesmos professores por um período de tempo mais alargado* (Decreto-Lei nº43/2007 de 22 de fevereiro (p.1320). No ponto de vista da estagiária, torna-se uma mais-valia esta oportunidade de se ser docente generalista. Nabuco defende que, na Educação Pré-Escolar, a ação dos educadores deve ser consciente para que se *apercebam do processo individual de desenvolvimento de cada criança e a ajudem a progredir até ao máximo das suas capacidades* (Nabuco, 1992:82). E, no Ensino Básico, os professores *devem assentar os seus ensinamentos, nas capacidades e competências que as crianças já adquiriram no pré-escolar* (Nabuco, 1992:82). Assim, importante que um profissional de educação tenha oportunidade de conhecer o trabalho efetuado, as exigências e a responsabilidade em mais do que uma valência. Mais concretamente ao nível do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Básico, é importante perceber que o termos "Educar" e "Ensinar" podem ser complementares e não entendidos como termos opostos.

Considera-se que, após esta experiência, há aspetos a serem melhorados. Como foi sendo referido, a estagiária sentiu medos, dúvidas e receios, tanto ao nível da observação, reflexão, intervenção e avaliação. São aspetos que a estagiária pretende melhorar e aprender mais acerca dos mesmos para que, numa futura prática, aplique de uma forma mais segura e confiante.

A concretização destes dois estágios foi uma mais-valia para a estagiária na medida que cresceu muito a nível pessoal e, sobretudo, a nível profissional. Com toda a certeza são momentos, pessoas e experiências que nunca serão esquecidas!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDS, R., (1995), *Aprender a Ensinar* ,Lisboa, McGraw-Hill de Portugal;
- BECKER, F., (2001) *Educação e construção do conhecimento*, Artmed, Porto Alegre;
- BELL, J. (1997), *Como Realizar um Projeto de Investigação - Um Guia para a Pesquisa em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.
- BODGAN, R. e BIKLEN, S. (2010), *Investigação Qualitativa em Educação - Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*, Porto, Porto Editora.
- BOGDAN, robert C.BIKLEN, Sari Knopp (1994) - *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto, Porto Editora.
- BORUCHOVITCHE e BZUNNECK,J.A. (2001), *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*, 3ªEd. Petrópolis: vozes;
- CABANAS,J., (1995), *Teoria da Educação, Concepção antinómica da educação, Coleção perspectivas actuais*, educação, Edições ASA, Lisboa;
- CEREZO,S. (1997), *Enciclopédia de Educação Infantil - A Expressão Psicomotora*, Rio de Mouro, Nova presença.
- CEREZO, S. (1997), *Enciclopédia de Educação Infantil - A Expressão Plástica*, Rio de Mouro, Nova Presença.
- DELORS, Jacques (coord.) (2000). *Educação um tesouro a descobrir: Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o séc. XXI*. Coleção Perspetivas Atuais,Porto: Edições Asa.
- COCHITO,I;(2004),*Cooperação e aprendizagem*, ACIME, Lisboa
- ESTRELA,A. (1990), *Teoria e prática de Observação de classes - uma estratégia de formação de professores*, Porto Editora, Porto;

- EXPOENTE, SERVIÇOS DE ECONOMIA E GESTÃO, S.A. (2007), *Métodos, Técnicas e Jogos pedagógicos, Recurso Didático para Formadores*;
- GOUVEIA J., (2008), *Intencionalidades formativas e consequências para a avaliação*;
- KANT, I. (1989), *Reflexions sur l'Education*, Paris: Librairie Philosophique J. Vrin
- MARQUES, M. et al, (s/d) *O Educador como Prático Reflexivo* Escola Superior de Paula Frassinetti, Porto;
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, (1998), *Organização Curricular e Programas Ensino Básico - 1ºCiclo*, Lisboa: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO-DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA;
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, (1997), *Orientações Curriculares de Educação Pré-Escolar*
- MONTEIRO, M., PAIS, A. (2002) *Avaliação uma Prática Diária*, Lisboa: Editorial Presença;
- NABUCO, M.E. (1992), *Transição do Pré-Escolar para o Ensino Básico*. In Revista Inovação, pp.81-93
- OLIVEIRA -FORMOSINHO, Júlia (2007) - *Modelos curriculares para a educação de infância: construindo uma práxis de participação*. 3ª ed. Porto: Porto Editora.
- PAPALIA, D., et al, (2001), *O Mundo da Criança*, Mc Graw-Hill, Amadora;
- PARENTE, C. (2002), *Observação: um percurso de formação, prática e reflexão*, Porto Editora, Porto;
- PIAGET, J. (1978), *A Psicologia da Criança*, Rio de Janeiro, Diefel.
- Projeto Educativo 2008-2011;
- Projeto Educativo 2011-2014;
- QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, L.(2008), *Manual de investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.
- Regulamento Interno 2012-2013;
- Regulamento Interno 2010;

- RIGOLET, S. (1998), *Para uma Aquisição Precoce e Optimizada da Linguagem, Linhas de Orientação para crianças até aos 6 anos*, Porto Editora, Porto;
- ROLDÃO, M., ALONSO.L, (2005), *Ser Professor do 1º Ciclo: Construindo a Profissão*, Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho;
- ROLDÃO, Maria do Céu (1994) - *O pensamento concreto da criança: uma perspetiva a questionar no currículo*. Lisboa : Instituto de Inovação Educacional.
- SARRAMONA, J. (1989) *Fundamentos de Education*, Barcelona, Ediciones CEAC.
- SERRA.C, (2004) *Currículo da Educação Pré-Escolar e Artc.Curricular 1ºCiclo do Ensino Básico*, Coleção Educação Porto Editora, Porto;
- SERRA, Helena (2004), *O Aluno Sobredotado, Associação Portuguesa das Crianças Sobredotadas (APCS)*, Vila Nova de Gaia: Gailivro
- SIRAJ - BLATCHFORD, I. (coord.) (2004), *Manual de Desenvolvimento Curricular para a Educação de Infância*, Lisboa, Texto Editora Lda.
- SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira, (1987) - *Metodologia das ciências sociais. 2ª ed. Porto: Edições Afrontamento*
- STENHOUSE,L. (1975), *An Introduction to Curriculum Research and Development*, London: Heineman;
- TOMLINSON, Carol Ann, *Diferenciação pedagógica e diversidade: ensino de alunos em turmas com diferentes níveis de capacidades*;
- ZEICHNER, K., (1993), *A formação reflexiva de professores: ideias e prática*, Educa, Lisboa;

LEGISLAÇÃO

- Decreto Lei nº46/86 de 14 de Outubro;

A simbiose da educação – aprender a ensinar , aprender a aprender em educação pré-escolar e ensino do 1º ciclo do ensino básico

- Decreto Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto;
- Decreto Lei nº 241/2001 de 30 de Agosto;
- Decreto Lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro;
- Decreto Lei nº240/2001 de 30 de Agosto;
- Decreto Lei nº 137/2012
- Decreto Lei nº 3/2008
- Decreto Lei nº 139/2012
- Circular nº4/DGIDC/DSDC/2001 - Direção Geral de Educação
- Quadro geral do Sistema Educativo Português
- Despacho nº5306/2012 de 18 de Abril
- Despacho normativo nº1/ 2005

SITOGRAFIA

- Ministério da Educação e Ciência (2012) - *Metas Curriculares Ensino Básico*, em <http://www.portugal.gov.pt/pt/os-ministerios/ministerio-da-educacao-e-ciencia/documentos-oficiais/20120803-mec-metas-curriculares-eb.aspx>.
- Apsa : Síndrome de Asperger, em <http://www.apsa.org.pt/sa.php>

ANEXOS

Diana Filipa Silva Moreira

Perfil 3, Turma B

Nº2008087

ANEXO 1

Planificações

1.1 Exemplo de Planificação de 1ºCiclo do Ensino Básico

| | |
|---|--|
| Escola: ██████████ | Disciplina: Língua Portuguesa, Matemática |
| Estagiária: Diana Filipa Silva Moreira | Ano de Escolaridade: 1º ano, turma B |
| Professor Cooperante: ██████████ | Data: 19-11-2012 |
| Orientador da ESEPF: Pedro Ferreira | Duração: 1 dia (9:00h-10:15h; 11:00h – 12:15h; 14:00h-15:15h) |

| Área | Tema da Aula | Tópicos | Objetivos | Descritores de desempenho | Estratégias | Recursos | Instrumentos de Avaliação | Metas Curriculares |
|----------------------------------|--------------|------------------------|---|---|--|-------------------------------------|---------------------------|--|
| L Í N G U | | Oralidade | O aluno deverá: | O aluno: | | Humanos: -Estagiária - Alunos | | - Falar de forma audível; - Articular corretamente as palavras; |
| | | 1.Falar para aprender; | 1. Usar vocabulário adequado ao tema e à situação | - Espera pela sua vez para falar; - Identifica o de mais significativo teve o fim de semana; | - Diálogo entre alunos e a estagiária; | | - Observação Direta; | -Escrever as letras do alfabeto, nas formas minúscula e maiúscula; |
| | | - Escrita | 2. Falar, com progressiva autonomia e clareza, sobre assuntos do seu interesse imediato | - Sabe identificar o | - Cartões com os nomes; | Materiais: | - Observação do caderno; | |

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PAULA FRASSINETTI
Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

| | | | | | | | | |
|--|---|---|---|--|--|---|--|---|
| A P O R T U G U E | <p>1.Desenvolver as competências de escrita</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Respeitar a direccionalidade da escrita; - Utilizar a linha de base como suporte de escrita; | <p>seu nome;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sabe escrever o seu nome; - Sabe escrever os ditongos, as vogais e as consoantes; | <ul style="list-style-type: none"> - Jogo das letras; | <ul style="list-style-type: none"> - Caderno - Jogo: cartões com as letras; imagens. | | | |
| | <p>-Compreensão do Oral</p> <p>1.Vocabulário: Campo Semântico e Lexical Instruções; indicações</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Memorizar e reproduzir sequências de sons; | <ul style="list-style-type: none"> - Identifica a consoante aprendida "T"; - Desenha e reconhece a grafia de todas as vogais e consoantes aprendidas; | <ul style="list-style-type: none"> - Ficha de trabalho; | <ul style="list-style-type: none"> - Ficha de trabalho | <ul style="list-style-type: none"> - Observação Direta; | | |
| | <p>Leitura</p> <p>1.Letra maiúscula, minúscula, imprensa;</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer que a mesma letra pode ser representada através de diferentes formas | <ul style="list-style-type: none"> - Identifica a consoante "T" aprendida em diversos contextos (palavra, texto, frase); | <ul style="list-style-type: none"> - Leitura de pequenas frases em cartões; | <ul style="list-style-type: none"> - - Cartões com as pequenas frases; | <ul style="list-style-type: none"> - Grelha de observação; - Observação Direta; | | <ul style="list-style-type: none"> - Decidir qual de duas palavras |
| | | | | | | | | |

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PAULA FRASSINETTI
Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

| | | | | | | | |
|--------|--|---|--|--|--|---|---|
| S A | 2. Leitura de palavras; | gráficas; - Distinguir letra, palavra, frase, texto; - Realizar correspondência som /letra; | - Lê palavras e frases; - Sabe que uma frase inicia-se com letra maiúscula; - É capaz de formar uma frase simples; | | | | apresentadas oralmente é mais longa; |
| | Expressão Oral 1. Vocabulário: Campo Lexical Articulação, entoação; | - Articular corretamente palavras; | - Seleciona palavras com a consoante aprendida; | | | - Observação Direta; - Ficha de trabalho; - Autoavaliação dos alunos (incluída na ficha); | - Contar o número de sílabas numa palavra de 2, 3 ou 4 sílabas; - Saber de memória a sequência dos nomes dos números naturais; |
| | Conhecimento Explícito da Língua 1. Sílabas; Letra | - Manipular os sons da língua e observar os efeitos produzidos; | - Identifica o número de sílabas, o número de letras e o número de sons nas palavras | | | | |

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PAULA FRASSINETTI
Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

| | | | | | | | | | |
|--|--|---|--|---|---|---|---|--|--|
| M A T E M Á T I C A | | maiúscula, minúscula, imprensa, manuscrita | <ul style="list-style-type: none"> - Identificar sílabas; - Identificar os diferentes sons; - Identificar o número de letras; | <p>selecionadas;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identifica qual das palavras têm um maior número de sílabas; - Identificar qual a maior e a menor palavras; | | | | | |
| | | - Numeração | <ul style="list-style-type: none"> - Realizar contagens simples e identificar os números até 8; | <ul style="list-style-type: none"> - Identificar qual a maior e a menor palavras; - Identifica os números de 1 a 8; | | | | <ul style="list-style-type: none"> - Observação Direta; | <ul style="list-style-type: none"> - Utilizar corretamente os símbolos «+» e «=» e os termos «parcela» e «soma»; |
| | | 1. Números Naturais; | <ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer e identificar uma quantidade por visualização; | | <ul style="list-style-type: none"> - Folha para decompor; - Cartões com as operações; - Ficha de trabalho; | <ul style="list-style-type: none"> - Folha para decompor; - Cartões; - Caderno; - Quadro tradicional; | | <ul style="list-style-type: none"> - Auto avaliação dos alunos (incluída na ficha de trabalho); | <ul style="list-style-type: none"> - Utilizar corretamente o símbolo «\neq» e os termos «aditivo», «subtrativo» e «diferença». |
| | | Resolução de Problemas | <ul style="list-style-type: none"> - Decomposição de números; | <ul style="list-style-type: none"> - Identificar várias formas de decompor um | | <ul style="list-style-type: none"> - Folha para decompor; - Cartões com as operações; - Ficha de trabalho; | <ul style="list-style-type: none"> - Folha para decompor; - Cartões; - Caderno; - Quadro tradicional; - Ficha de trabalho; | | |

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PAULA FRASSINETTI
Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

| | | | | | | | | |
|--|--|--|--|---|--|--|--|--|
| | | - Números e Operações com números naturais - Adição - Subtração | - Desenvolver o raciocínio aditivo e subtrativo; -Compreender a adição nos sentidos combinar e acrescentar; - Compreender a subtração nos sentidos de retirar; | número; - Identifica os sinais da adição e da subtração; | | | | |
|--|--|--|--|---|--|--|--|--|

Descrição da atividade:

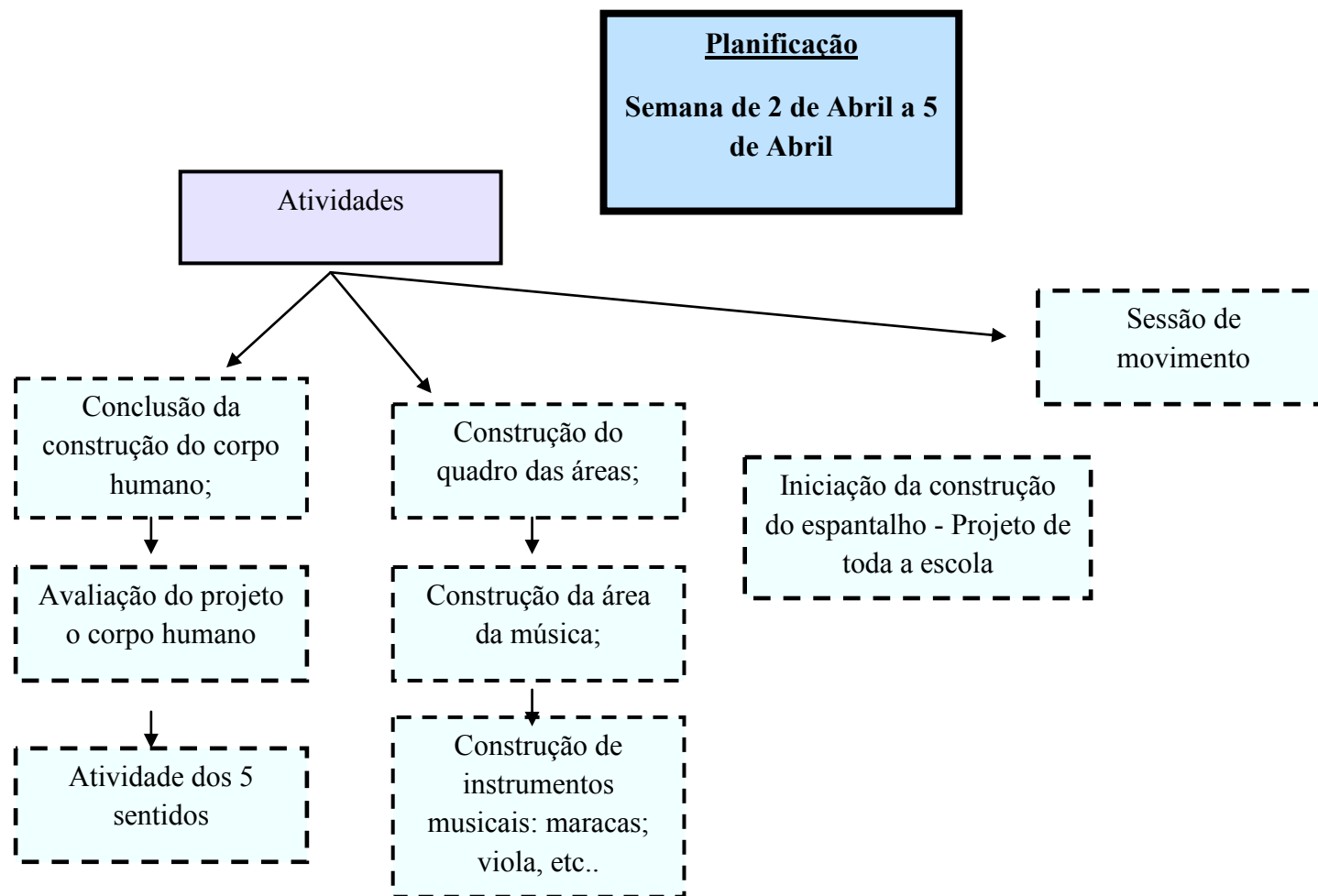
No início da manhã os alunos descrevem o fim-de-semana salientando o que de mais importante aconteceu. Todos os alunos terão oportunidade de falar (09:00-09:25). De seguida, o aluno que estiver melhor comportado ajudar-me-á a distribuir os cartões com os nomes. Eu mostro o cartão com o nome, o aluno a quem diz respeito aquele mesmo cartão coloca o braço no ar e o aluno que me estará a ajudar irá entregar ao lugar. Os alunos procedem ao que já é habitual, ou seja, escrevem o nome, a data e as letras. (09:45) À medida que vão terminando cada criança irá dizer-me uma palavra e irá escreve-la no quadro tradicional enquanto que os outros alunos que terminaram a primeira tarefa passam para o caderno a palavra e assim sucessivamente. Quando todos terminarem, explico de uma forma clara o que iremos fazer no decorrer da manhã. Pergunto se todos entenderam ou se querem tirar alguma dúvida que tenham. Questiono os alunos qual o último número que aprenderam a decompor (número 6), assim passo à decomposição do número 7 e 8. Para esta aprendizagem irei distribuir as folhas para a decomposição dos números. Aqui se repete, de forma de prémio, a ajuda de uma aluno. Cada aluno deverá pensar numa forma de decompor o número 7. Será distribuída uma ficha onde poderão colocar as várias formas de decompor cada número. Enquanto se dirigem à vez ao quadro tradicional para revelar trabalho, os restantes alunos passam para o caderno. Desta vez, os alunos não irão desenhar as bolinhas como forma de representar o número, ou seja, escrevem só a operação efetuada. Este processo será realizado tanto para o número 7 como para o número 8. Esta atividade deverá ocupar todo o tempo da manhã, caso não aconteça passaremos para a atividade dos cartões.

De seguida passamos para a atividade dos cartões. Aqui será uma atividade em que será explorado as operações com duas e três parcelas até ao numero 8. Será distribuído um cartão por aluno, cada aluno vem à frente mostrar o seu cartão e com o cartão que se desloca irá questionar os alunos, por exemplo: " $_+3=8$ ". "Tenho três mas quero ter um total uma de oito, quantos faltam?". Para os outros alunos ficarem com algo registado sobre os cartões dos companheiros, será distribuída ficha com as mesmas operações.

Se ainda houver tempo, ou se verificar que os alunos estão a perder o interesse e a ficar cansados com as outras atividades irei fazer revisões sobre a consoante "T". para isto terei o jogo " Descobre o que falta". Os alunos visualizando as imagens terão que descobrir que letras faltam para a completar. Este jogo terá todas as vogais, ditongos e consoantes já adquiridas anteriormente.

Para a autoavaliação dos alunos em todas as fichas de trabalho irá existir um espaço específico para isso mesmo. Em outras atividades existirá uma folha para registarem e colam no caderno.

1.2 Exemplo de planificação de Educação Pré-Escolar



Legenda das Áreas de Conteúdo:



Área de Formação Pessoal e Social;

Área da Expressão e Comunicação:



Domínio da Linguagem e abordagem à escrita;



Domínio da Expressão Motora;



Domínio da Expressão Plástica;



Domínio da Expressão Musical;



Domínio da Expressão Dramática



Domínio da Matemática



Área do Conhecimento do Mundo









Atividades realizadas pela Educadora





Atividades realizadas pela Estagiária

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PAULA FRASSINETTI
Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

| Áreas Curriculares | Atividades | Objetivos | Estratégias | Recursos |
|---|---|---|---|--|
|  | Acolhimento | - Estimular a socialização; - Manifestar as suas opiniões e os seus sentimentos | “Bons Dias”; Novidades; Conversar; | Zona do acolhimento; |
|  | Sessão de Movimento | - Trabalhar noções de movimento - Trabalhar a capacidade de jogos em equipa; | | Polivalente |
|  | Conclusão da construção do corpo humano | - Desenvolver conhecimentos sobre o corpo humano; - Desenvolver a capacidade de organização de ideias; | - Em grande grupo com a estagiária; | - |
|  | Avaliação do projeto do corpo humano; | - Despertar o conhecimento crítico; | Em grande grupo com a estagiária | - Balões onde a estagiária regista o que foi mais importante; - Lápis para o registo em forma de desenho; |
|  | Atividade dos 5 sentidos; | - Desenvolver conhecimentos sobre o corpo humano; | Em grande grupo com a estagiária na área de trabalho; | - Limão -Chocolate - Esfregão da loiça - Perfume |
|  | Construção do quadro das áreas | - Desenvolver a autonomia; - Saber respeitar o outro; - Saber respeitar as regras da sala de aula; | Em grande grupo | - Etiquetas para identificar as áreas; - Colares para cada área; |

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PAULA FRASSINETTI
Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

| | | | | |
|---|---|---|--|---|
|  | Construção da área da música | <ul style="list-style-type: none"> - Estimular o gosto pela expressão musical; - Desenvolver os conhecimentos acerca dos instrumentos musicais, o som que produzem bem como o nome de cada instrumento; | Grande grupo | <ul style="list-style-type: none"> - Material fornecido pelos pais (garrafas de água) - |
| | Construção de instrumentos musicais | | | |
|  | Iniciação da construção do espantalho - projeto de escola | <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a capacidade de trabalhar em grande e em pequeno grupo; - Desenvolver a criatividade e o sentido estético; | Sala dos 3 anos, sala dos 4 anos e sala dos 5 anos | <ul style="list-style-type: none"> - Camisola; - Calças; - Sapatos; - Garrafão; - Rolhas; - Jornal; |

1.3 Planificação de 1ºCiclo do Ensino Básico - sólidos geométricos

| | |
|---|--|
| Escola: ██████████ | Disciplina: Língua Portuguesa; Matemática |
| Estagiária: Diana Filipa Silva Moreira | Ano de Escolaridade: 1º ano, turma B |
| Professor Cooperante: ██████████ | Data: 07-01-2013 |
| Orientador da ESEPF: Pedro Ferreira | Duração: 1 dia (9:00h-10:15h; 11:00h – 12:15h; 14:00h-15:15h) |

| Área | Tema da Aula | Tópicos | Objetivos | Descritores de desempenho | Estratégias | Recursos | Instrumentos de Avaliação | Metas Curriculares |
|--|--------------|--|--|---|--------------------------------------|---|---|--|
| L Í N G U A P O R T | | Oralidade 1.Falar para aprender; | 1. Usar vocabulário adequado ao tema e à situação; 2. Falar, com progressiva autonomia e clareza, sobre assuntos do seu interesse imediato; | O aluno: - Espera pela sua vez para falar; - Identifica o de mais significativo teve o fim de semana; | - Diálogo entre alunos e estagiária; | - Cartões com os nomes; - Caderno; | - Caderno (verificar se escreveram da forma correta); | - Falar de forma audível; - Articular corretamente as palavras; |

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PAULA FRASSINETTI
Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

| | | | | | | | | |
|--|--|---|---|--|--|---|--|---|
| <p>U G U E S A</p> <p>M A T E M Á T I C A</p> | | <p>- Escrita</p> <p>1.Desenvolver as competências de escrita</p> | <p>- Respeitar a direccionalidade da escrita;</p> <p>- Utilizar a linha de base como suporte de escrita;</p> | <p>- Sabe identificar o seu nome;</p> <p>- Sabe escrever o seu nome;</p> <p>- Sabe os ditongos, as vogais e as consoantes;</p> | <p>- Utilização de cartões com os nomes;</p> | <p>- Caderno</p> | <p>- Observação direta;</p> <p>- Verificação no caderno;</p> | |
| | | <p>- Figuras no plano e sólidos geométricos</p> <p>1. Propriedades e classificação</p> | <p>- Comparar, transformar e descrever objetos fazendo classificações e justificando os critérios utilizados;</p> <p>- Comparar e descrever sólidos geométricos</p> | <p>- Identifica os sólidos geométricos;</p> <p>- Identifica superfícies planas e não planas em objetos comuns;</p> | <p>- Sólidos geométricos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • moldes para criar os sólidos geométricos; • objetos comuns para identificar | <p>- Sólidos geométricos;</p> <p>- Objetos do dia a dia (pacotes de leite, garrafas de água; caixa de medicamen</p> | <p>- Observação do trabalho efetuado por parte dos alunos;</p> | <p>- Reconhecer e representar formas geométricas;</p> <p>- Reconhecer partes planas de objetos em posições variadas</p> <p>- Identificar cubos,</p> |

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PAULA FRASSINETTI
Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

| | | | | | | |
|--|--|---|---|---|---|--|
| | | <p>identificando semelhanças e diferenças;</p> <p>- Identificar superfícies planas e não planas em objetos comuns e em modelos geométricos;</p> <p>- Identificar linhas retas e curvas a partir da observação de objetos e sólidos geométricos;</p> <p>-Representação e interpretação de dados 1. Leitura e interpretação de informação apresentada em tabelas e</p> | <p>ar superfícies planas e não planas;</p> <p>tos, bolas, etc)</p> <p>- Caixas para separar os objetos de acordo com algumas características;</p> <p>- Cartolina para o diagrama de Venn e de Carroll;</p> <p>- Cola;</p> <p>- Moldes dos sólidos para criarem os próprios sólidos;</p> | <p>- Compara e descreve sólidos identificando semelhanças e diferenças;</p> <p>- Interpreta a informação dada pelo diagrama de Venn;</p> <p>- Classifica os objetos de forma a criar conjuntos;</p> | <p>- Construção dos objetos e a própria classificação por parte dos alunos;</p> <p>- Construção do diagrama de Venn e de Carroll;</p> | <p>paralelepípedos retângulos, cilindros e esferas.</p> <p>- Recolher e registar dados utilizando gráficos de pontos e pictogramas em que cada figura representa uma unidade;</p> <p>- Utiliza corretamente os</p> |
|--|--|---|---|---|---|--|

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PAULA FRASSINETTI
Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

| | | | | | | | | |
|--|--|---|--|--|--|--|--|---|
| | | gráficos; 2. Classificação de dados utilizando diagramas de Venn e de Carroll; | Classificar dados utilizando diagramas de Venn e de Carroll; | | | | | termos "conjunto", "elemento"; - Classificar objetos de acordo com um ou dois critérios; |
|--|--|---|--|--|--|--|--|---|

Descrição de atividades:

Para começar este dia de aulas, a estagiária, uma vez que já não está com os alunos à algum tempo, questiona-os sobre as novidades mais importantes, como correram as férias, como foi o Natal e a Passagem de Ano. Neste momento os alunos terão que ter a capacidade de selecionar o que querem partilhar, para que, todos os alunos possam ter o momento de partilha. (20 min). Posto isto, a estagiária passa para o primeiro momento de trabalho onde as crianças terão que registar a data e nome nos seus cadernos. Como já é habitual e, como já se tornou um hábito na sala, uma vez que os próprios alunos já questionam quem são os responsáveis, a estagiária elege dois responsáveis para ajudar na distribuição dos

materiais. À medida que forem terminando de escrever o nome e a data a estagiária revê alguns sons, palavras e frases. A estagiária dita uma frase ou palavra, os alunos registam no caderno enquanto um outro aluno escreve no quadro. (10/15 min).

Quando todos os alunos estiverem preparados para passar para a próxima atividade, a estagiária explica o que irá acontecer durante o dia, como por exemplo, o que vão aprender e quais as atividades que serão realizadas (5 min). Para iniciar o tema dos sólidos geométricos a estagiária mostra um objeto questionando os alunos sobre o que estão a ver:

- O que é isto?
- Que forma tem?
- É direito? Tem curvas?

Estas perguntas são feitas com dois ou três objetos como, uma bola, um pacote de leite, uma garrafa de água. Com este pequeno exercício a estagiária explora quais os conhecimentos que eles já têm, se sabem o que são superfícies planas e não planas. À medida que a estagiária mostra cada um dos objetos, dá a conhecer o sólido geométrico correspondente questionando se acham que a forma é igual, parecida e diferente. Independentemente da resposta certa ou errada, os alunos deverão saber explicar o porquê de determinada resposta. (60min).

Com esta atividade a estagiária explorará todos os sólidos geométricos, bem como os nomes, faces planas e não planas. Para que os alunos não se dispersem, a estagiária passará uma ficha de apoio com os diferentes sólidos e objetos. À medida que forem descobrindo qual o sólidos que corresponde a determinado objeto, terão que fazer a ligação na própria ficha.

Da parte da tarde, ou se ainda houver tempo da parte da manhã, a estagiária passa para a atividade onde os alunos terão que formar grupos e construir, através do molde fornecido, os sólidos geométricos. Os alunos só terão que pintar, cortar e colar. Depois de todos terem terminado o 1º passo da atividade, a estagiária passa a explicar que existem três caixas diferentes. A 1ª caixa será destinada aos

sólidos com superfícies planas; a 2ª caixa com sólidos não planos e a 3ª caixa com sólidos planos e não planos. Os alunos terão que discutir em grupo qual a caixa onde colocarão o seu sólido geométrico. Definem um porta voz, esse aluno dirige-se à frente da turma e explica em que caixa vai colocar o sólido e porquê. Todos os grupos terão oportunidade de participar (40 min). No final desta atividade a estagiária perguntará se todos os alunos entenderam, quem tem dificuldades etc. Se algum aluno não tiver adquirido a 100% estas aprendizagens, e estagiária pedirá ajuda a um outro colega de turma. Assim, os alunos podem ajudar-se, havendo a troca de partilha e a noção de que devemos ajudar sempre os outros sem o discriminar por saber mais ou menos do que outros.

Posto isto, a estagiária explica que o que acabaram de fazer na atividade anterior foi colocar os objetos em grupos de acordo com determinadas características (plana ou não plana). Assim, que formaram conjuntos, cada conjunto quantas unidades tem, quantos conjuntos é que formaram. Aqui, é trabalhado mais uma vez o conceito de conjunto e unidade. A estagiária explica que faremos a mesma coisa mas num Diagrama de Venn. O Diagrama será construído com as crianças. Os sólidos construídos anteriormente, serão afixados na construção deste diagrama de Venn e, depois de terminado, será exposto na sala.

1º Passo: Quais os sólidos que vimos que só tinham as superfícies planas?

2º Passo: Quais os sólidos que não tem superfícies planas?

3º Quais os sólidos que tem superfícies planas e não planas?

ANEXO 2

Registos

2.1 Exemplo de registo de observação 1ºciclo do ensino básico

1º Ciclo - 1º Ano

Nº de alunos na sala de aula: 26

Data: 24/09 a 26/09

Observadora: Estagiária

Identificação:

Nestes três primeiros dias de estágio na valência de 1º Ciclo, mais precisamente, no 1º Ano de Escolaridade, observei atentamente o comportamento das crianças em grande grupo, identificando algumas crianças com dificuldades na aprendizagem.

Descrição: Ao longo destes três dias, mesmo sendo uma semana de observação, a professora cooperante deixou-nos extremamente á vontade para podermos avaliar o contexto na sala de aula e conhecermos melhor os nossos alunos. Algo que fiquei extremamente admirada foi logo no 1º dia, quando a Professora nos deixou as estagiárias sozinhas na sala e as criança não alteraram o seu comportamento, ou seja, respeitaram o silêncio, respeitaram a regra de falar um de cada vez, algo que não aconteceu em outros grandes grupos em que vivenciei outros estágios. Um outro aspeto que verifiquei nos outros dias foi a presença de duas crianças que apresentam grandes problemas de concentração o que acabará por prejudicar nas aprendizagens. Esta criança A e B exigem constantemente a presença do adulto para fazerem um exercício pedido, se o professor ou alguma estagiária não estiver por perto e não os apoiar minuto a minuto, estas crianças não realizam o trabalho pedido.

Reflexão: Depois de refletir sobre estes mesmo acontecimentos, cheguei á conclusão que nós mesmas, neste caso as estagiárias desta turma, têm que encontrar uma solução para estas duas crianças. Faz parte da nossa profissão ter gosto em ajudar e promover as novas aprendizagens nos nossos alunos.

2.2 Exemplo de Registo de Incidente Crítico em Educação Pré-Escolar

Nome da criança: ■■■■

Observadora: Estagiária

Idade: ■■■■

Data: 21-05-2013

Incidente:

Numa manhã, quando as crianças terminaram a atividade orientada direcionada para a expressão plástica, à medida que as crianças terminavam o trabalho dirigiam-se para as áreas. Quando a ■■■■ terminou o seu trabalho e se dirigia para a área da casinha, verificou que já não haviam mais colares e começou a chorar. A estagiária pediu à ■■■■ para se aproximar mas a ■■■■ permaneceu no mesmo local a olhar para a estagiária e a chorar. A estagiária aproximou-se e perguntou porque estava a chorar mas a Joana não respondia. A estagiária abraçou-a dizendo que ia brincar com ela, ela tirou o braço da estagiária e foi brincar sozinha para a área da biblioteca.

Comentário da estagiária:

A estagiária neste momento ficou sem saber como reagir. Uma vez que esta criança apresenta características especiais, o insistir num diálogo iria ser pior uma vez que ela se afasta nestas situações. A relação de afetividade entre a estagiária foi sido um trabalho constante ao longo do tempo uma vez que no início a ■■■■ nem sequer se aproximava ou fugia, forma de ela reagir à presença de adultos "que lhe são estranhos." Ao longo do tempo a estagiária foi tentando aproximar-se através de brincadeiras, ao ajuda-la na sua higiene e, assim, a Joana começou a deixar que a estagiária entrasse na sua vida.

No entanto, por muito que a estagiária já tenha alguma ligação com esta criança, neste incidente crítico a estagiária não sabia se havia de a deixar estar no seu espaço ou se a deveria procurar. A opção da estagiária foi deixa-la estar no seu espaço enquanto se acalmava.

2.3 Exemplo de registo fotográfico EPE

Nome: ██████████

Observador: Estagiária

Idade: ██████████

Data: 17-05-2013

● - Domínio da linguagem e abordagem à escrita
● - Domínio da Expressão Dramática

Descrição:

No dia 17-05-2013 a sala dos 3 anos inaugurou o fantocheiro. Este projeto foi iniciado na sequência da semana da leitura e teve como propósito dar a conhecer às crianças uma outra forma de ouvir e contar histórias.

Quando todas as crianças foram almoçar, o ██████████, enquanto esperava pela sua mãe, pediu à estagiária para ir brincar com ele. Dirigiu-se de imediato para a zona da biblioteca mais precisamente para o fantocheiro. A estagiária sentou-se no sofá, em frente ao fantocheiro, e o ██████████ começou a contar a sua história.

Fotografia:



Comentário da estagiária:

O [REDACTED] revelou que adquiriu o conhecimento do que é um fantocheiro. No momento em que começou a contar a história a estagiária percebeu que o domínio da linguagem oral desenvolveu bastante. O [REDACTED] mostrou ter capacidade de contar uma história, dando nomes as personagens e o papel de cada um na história.

Indicadores de desenvolvimento

- - Domínio da linguagem e abordagem à escrita - Verificou-se que [REDACTED] já fala sem medo, já consegue produzir algumas palavras perceptíveis.
- - Domínio da Expressão Dramática - [REDACTED], por iniciativa própria foi para a área da biblioteca explorar o fantocheiro.

2.4 Exemplo de descrição de acontecimento na EPE

Nome da criança: [REDACTED]

Idade: [REDACTED]

Observadora: Estagiária

Data: 22-04-2013

Descrição:

Na sala dos 3 anos, desenvolveu-se um pequeno projeto, O Corpo Humano, onde as crianças procuraram essencialmente falar do cérebro, coração, intestinos, fígado e pulmões. Ao longo de todo este processo, todas as crianças demonstraram grande interesse em saber o que cada órgão fazia como era o seu aspeto.

No final de todo este processo, a estagiária reservou um momento da avaliação do mesmo. Com o João, boneco do Corpo Humano, as crianças mencionavam o que mais gostaram de construir e o que mais gostaram de descobrir. Enquanto este momento decorria o Gustavo pouco ou nada falava com vergonha o que fez não permitiu à estagiária a percepção da real aquisição do conhecimento da criança. Posto isto, todas as crianças se dirigiram para o recreio, enquanto a estagiária permaneceu na sala. O [REDACTED] entrou muito aflito na sala e disse:

[REDACTED]:

- *"Diana anda rápido comigo."*

Estagiária:

- *"O que se passa [REDACTED]?"*

[REDACTED]

- *"Anda rápido porque o Gonçalo partiu o cérebro."*

Estagiária:

- *"Partiu o cérebro? Como assim?"*

[REDACTED]

- *"Sim, caiu, bateu com a cabeça no chão e partiu o cérebro."*

Comentário da estagiária:

Este momento revelou uma grande importância para a estagiária porque ficou a perceber que o [REDACTED] afinal tinha adquirido o conhecimento de que o Cérebro se situa na zona da cabeça. Apesar de ser uma criança tímida e bastante calada nestes momentos de partilha, é uma criança que adquiriu as aprendizagens com a construção do projeto do Corpo Humano.

2.5 Exemplo de descrição de acontecimento 1ºCiclo do Ensino Básico

1º Ciclo - 1º Ano

Nº de alunos na sala de aula: 26

Observadora: Estagiária Diana

Identificação:

Num dia de aula dada pelo meu par pedagógico, enquanto a estagiária fazia a ficha de trabalho de Matemática com a turma verifiquei que um aluno se estava a sentir perdido e com receio de falar.

Descrição:

Quando olhei para este aluno, ele estava triste sem fazer a ficha e não questionava sobre as suas dúvidas. Aproximei-me do aluno e perguntei-lhe com um tom de voz baixo se ele estava a entender. Reparei que o aluno estava com medo de dizer que não entendia o que estava a fazer. Disse-lhe que não fazia mal ele não entender e que nós, professoras, estava-mos ali para os ajudar. Posto isto o aluno disse que não estava a perceber. Pedi para ele vir para a minha beira e realizou a ficha de matemática comigo. Decidi pegar em objetos manipuláveis para o ajudar a realizar as operações de adição e subtração e o aluno realizou a ficha com sucesso. Quando terminou eu disse-lhe: " Vês, conseguiste fazer a ficha. Não podes ter medo de não saber à primeira." O aluno agarrou-se a mim e disse : " Obrigada Professora."

Reflexão:

Este episódio foi muito importante para mim e com certeza para o aluno também. Percebi que por muito que tentemos estar atentas a todos os alunos há sempre algum caso que nos escapa. Este aluno normalmente sabia responder sempre e, talvez por isso, tomamos como adquirida esta aprendizagem por parte deste aluno. Percebi que devemos explicar a todos os alunos que não há mal de errar, que faz parte da

aprendizagem e que, sempre que tiverem dúvidas deverão sentir-se à vontade para questionar.

2.6 Exemplo de registo fotográfico - criança com NEE - EPE

REGISTO FOTOGRÁFICO

Nome: [REDACTED]

Observador: Estagiária

Idade: 3 anos

Data: 3 de Abril

● - Área da Formação Pessoal e Social

Descrição do acontecimento:

A Joana é uma criança identifica com NEE, Necessidades Educativas Especiais. A [REDACTED] no início do meu estágio era uma criança muito reservada e com problemas a nível de socialização com os outros, tanto com o pessoal Docente e Não Docente bem como com os restantes colegas. Com o passar do tempo, a Joana foi progredindo mostrando vontade de brincar com os outros e, até mesmo, ser ela própria a procurar os seus colegas.

Fotografia:



Comentário da estagiária:

Neste momento a [REDACTED] tomou a iniciativa de ir partilhar a brincadeira com o colega. É um grande progresso uma vez que a [REDACTED] apresenta algumas dificuldades em estabelecer contacto com os seus colegas.

Indicadores de desenvolvimento:

● - Área da Formação Pessoal e Social

A [REDACTED] evoluiu a nível da relação interpessoal mostrando vontade e iniciativa própria de partilhar um momento de brincadeira com uma outra criança.

2.7 - Registo de observação de criança com NEE - 1ºCEB

REGISTO DE OBSERVAÇÃO

Identificação: Dia 10/10/2012 a Professora Cooperante da sala do 1º ano deu a conhecer à turma, os ditongos "ui" e "iu". Explicou como se formavam e como se liam e de seguida passou para uma ficha de trabalho para os alunos consolidarem os novos conhecimentos. As estagiárias tomaram a iniciativa, com a autorização da professora cooperante, de circularem pela sala para ajudar os alunos e verificar se as aprendizagens tinham sido adquiridas ou se existiam ainda dificuldades. Quando me aproximei de uma aluna, [REDACTED] com 6anos, aluna que já referi em outros registos que tem dificuldades e exige uma maior atenção por parte do professor, apercebi-me que não tinha iniciado a ficha de trabalho. Tomei a liberdade de lhe voltar a explicar e percebi que a aluna sabia mas mostrava ao adulto que não entendia e não tinha vontade de aprender e fazer a ficha.

Descrição: Como já referi anteriormente esta aluna em causa mostra imensa dificuldade em permanecer atenta. Quando lhe expliquei pela segunda vez os ditongos percebi que a aluna em vez de me dizer o que era correto que seria "ui" ou "iu" dizia outras palavras, ria-se e depois de muito insistir acabava por dizer o correto.

Reflexão: Após ter uma conversa informal com a Professora Cooperante e com a outra estagiária, chegamos à conclusão que esta aluna deverá ter mais atenção da nossa parte e que deveríamos insistir na participação nas aulas da aluna, para que consigamos perceber se as aprendizagens foram ou não adquiridas. Como todos nós, professores ou educadores, sabemos que as turmas são heterogéneas e devemos sempre adaptar os métodos de ensino consoante o grupo em questão, e se for mesmo necessário a cada aluno individualmente.

ANEXOS 3

Grelhas

3.1 Exemplo de lista de verificação 1ºCEB

| | |
|---|--|
| Nome da Escola: - | Disciplina: Língua Portuguesa |
| Estagiária: Diana Filipa Silva Moreira | Ano de Escolaridade: 1º ano |
| Professor Cooperante: - | Data: 22 de Outubro de 2012 |
| Orientador da ESEPF: Pedro Ferreira | Duração: 1 dia (9:00h-10:15h; 11:00h – 12:15h; 14:00h-15:15h) |

| Nome dos Alunos | Identifica a vogal “o” numa palavra? | Realiza a divisão silábica corretamente? | Identifica os ditongos aprendidos nas palavras? |
|-----------------|--------------------------------------|--|---|
| ██████ | +/- | + | + |
| ██████ | + | + | + |
| ██████████ | + | + | + |
| ██████████ | + | + | + |
| ██████ | +/- | +/- | +/- |
| ██████████ | - | +/- | - |
| ██████████ | + | + | + |
| ██████ | + | + | + |
| ██████████ | + | + | + |
| ██████████ | + | + | + |
| ██████ | + | + | + |
| ██████ | + | + | + |
| ██████████ | + | + | +/- |
| ██████ | + | + | + |
| ██████████ | - | + | - |
| ██████████ | - | + | +/- |
| ██████████ | - | +/- | +/- |
| ██████ | + | + | + |
| ██████ | + | + | + |
| ██████████ | + | + | + |
| ██████████ | + | + | + |
| ██████ | +/- | + | +/- |

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PAULA FRASSINETTI
Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

| | | | |
|---|---|---|---|
| ■ | + | + | + |
| ■ | + | + | + |
| ■ | + | + | + |
| ■ | + | + | + |

3.2 Exemplo de lista de verificação de EB

| | |
|---|--|
| Escola: - | Disciplina: Matemática |
| Estagiária: Diana Filipa Silva Moreira | Ano de Escolaridade: 1º ano, turma B |
| Professor Cooperante: - | Data: |
| Orientador da ESEPF: Pedro Ferreira | Duração: 1 dia (9:00h-10:15h; 11:00h – 12:15h; 14:00h-15:15h) |

| Nome dos Alunos | Identifica os números ate 5? | Realiza a decomposição até ao número 5? | Realiza operações com 2 parcelas até ao número 5? |
|-----------------|------------------------------|---|---|
| ██████ | + | + | + |
| ██████ | + | + | + |
| ██████████ | + | + | + |
| ██████████ | + | + | + |
| ██████ | + | + - | + - |
| ██████████ | + | + | + |
| ██████████ | + | + | + |
| ██████ | + | + | + |
| ██████████ | + | + | + |
| ██████ | + | + | + |
| ██████████ | + | + | + |
| ██████ | + | + | + |
| ██████████ | + | + | + |
| ██████ | + | + | + |
| ██████████ | + | + | + |
| ██████ | + | + | + |
| ██████████ | + | + | + |
| ██████████ | + - | + | + |
| ██████ | + | + | + |
| ██████ | + | + | + |
| ██████████ | + | + | + |
| ██████████ | + | + | + |
| ██████ | + | + | + |

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PAULA FRASSINETTI
Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

| | | | |
|---|---|---|---|
| ■ | + | + | + |
| ■ | + | + | + |
| ■ | + | + | + |
| ■ | + | + | + |

3.3 Grelha de lista de verificação EPE

Lista de verificação - Atividade Blocos Lógicos

| Nomes | Identifica a forma? | | Identifica a cor? | |
|------------|---------------------|-----|-------------------|-----|
| | Sim | Não | Sim | Não |
| ██████ | * | | * | |
| ██████ | * | | * | |
| ██████ | * | | * | |
| ██████ | | * | * | |
| ██████ | * | | * | |
| ██████ | | * | | * |
| ██████ | * | | * | |
| ██████ | * | | * | |
| ██████ | * | | | * |
| ██████ | * | | * | |
| ██ | * | | | * |
| ██████████ | * | | * | |
| ██████ | | | | |
| ██████ | * | | * | |
| ██████████ | * | | * | |
| ██████ | * | | * | |
| ██████ | * | | * | |
| ██████ | * | | * | |

3.4 Lista de verificação de EPE - Manuseia corretamente o lápis?

| Nomes | Manuseia corretamente o lápis? | |
|------------|--------------------------------|-----|
| | Sim | Não |
| ██████ | * | |
| ██████ | * | |
| ██████ | * | |
| ██████ | * | |
| ██████ | * | |
| ██████ | | * |
| ██████ | * | |
| ██████ | * | |
| ██████ | | * |
| ██████ | * | |
| ██ | * | |
| ██████████ | * | |
| ██████ | * | |
| ██████ | * | |
| ██████████ | * | |
| ██████ | | * |
| ██ | * | |
| ██████ | * | |

3.5 Lista de verificação de EB - Manuseia corretamente o lápis

| Nome dos Alunos | Manuseia corretamente o lápis? | |
|-----------------|--------------------------------|-----|
| | Sim | Não |
| [REDACTED] | + | |
| [REDACTED] | + | |
| [REDACTED] | + | |
| [REDACTED] | + | |
| [REDACTED] | + | |
| [REDACTED] | + | |
| [REDACTED] | + | |
| [REDACTED] | + - | |
| [REDACTED] | + | |
| [REDACTED] | + | |
| [REDACTED] | + | |
| [REDACTED] | + | |
| [REDACTED] | + - | |
| [REDACTED] | + | |
| [REDACTED] | + - | |
| [REDACTED] | + - | |
| [REDACTED] | + | |
| [REDACTED] | + | |
| [REDACTED] | + | |
| [REDACTED] | + | |
| [REDACTED] | + - | |
| [REDACTED] | + | |
| [REDACTED] | | - |
| [REDACTED] | + | |
| [REDACTED] | + | |
| [REDACTED] | + | |
| [REDACTED] | + | |

3.6 Grelha de observação em EPE

| Ambiente de desenvolvimento e bem-estar, materiais, equipamentos e atividades | SIM | NÃO |
|---|------------|------------|
| A sala está dividida em áreas de trabalho bem definidas e localizadas de forma lógica. | X | |
| Há espaço de trabalho adequado em cada área da sala. | X | |
| Existe uma quantidade razoável de brinquedos, materiais e equipamentos disponíveis e adequados ao nível de desenvolvimento das crianças, o que lhes permite não terem de esperar mais do que alguns minutos para os usar. | X | |
| Os brinquedos ou outros materiais estão acessíveis à criança (em prateleiras baixas, cestos, etc) que não tem necessidade de estar sempre a pedi-los. | X | |
| Existem dois ou mais dos seguintes brinquedos e equipamentos: jogos (puzzles, lotos, jogos de esperar a vez, etc.) | X | |
| No espaço exterior existem brinquedos e equipamentos de construção, triciclos, escorregas, casinhas. | | X |
| Existem oportunidades para correr e trepar tanto no interior como no exterior. | | X |
| O jogo livre é valorizado. | X | |
| As crianças estão ocupadas com várias atividades (histórias, canções, pintura, construções, etc.), individualmente, em grupo dirigidas ou não pelo educador. | X | |

3.7 Grelha de observação EPE

| Dados relativos ao espaço físico | sim | não |
|---|------------|------------|
| Cada criança tem um espaço individual (armário, cabide, etc.) para arrumar objetos pessoais. | * | |
| Existe um espaço sossegado e obscurecido que permite à criança descansar ou dormir (persianas ou cortinas podem ser corridas ou há dependências próprias) | | * |
| O ambiente inclui aspetos suaves e cómodos, para a possibilidade de isolamento ou afastamento por parte de alguma criança que o deseje. | | * |
| O ambiente inclui espaços que permite uma ampla mobilidade. | * | |
| Existe espaço para arrumar brinquedos e outros materiais, pelas crianças, depois ou usados. | * | |
| As janelas estão suficientemente baixas para que as crianças possam olhar para fora. | * | |
| A temperatura e grau de humidade são confortáveis. | * | |
| Existe uma variedade de desenhos, registos, etc. | * | |
| O acesso a lavatórios ou casa de banho está facilitado para as crianças. | * | |
| Existe um acesso direto a espaços exteriores. | * | |
| Existe um espaço exterior aberto para dias de sol ou bom tempo. | * | |
| Existe um espaço exterior coberto para dias de chuva. | * | |
| O espaço exterior é fácil de supervisionar (não há áreas escondidas em que as crianças não podem ser vistas). | * | |
| O espaço físico não está muito ocupado (demasiadas crianças, equipamentos demasiado grandes, etc.) o que permite uma boa mobilidade da crianças, sem lhes criar não limitações. | * | |

ANEXO 4

Projetos de EPE

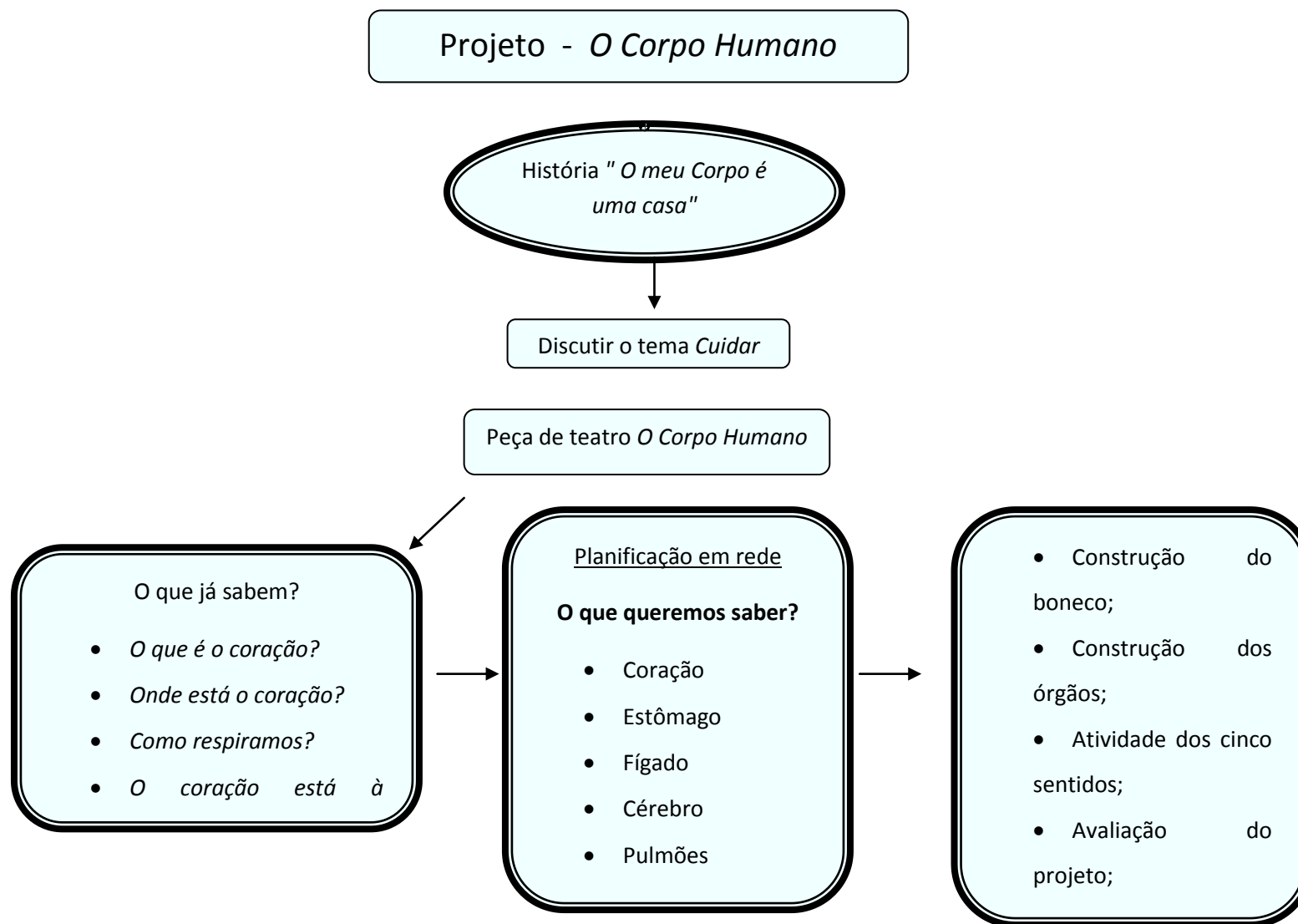
Projeto - O Corpo Humano

Quando a estagiária iniciou este estágio deparou-se com o facto de na sala dos 3 anos não haver um projeto em fase de desenvolvimento. Em conversa informal com a Educadora Cooperante, a estagiária percebeu que tal não acontecia uma vez que as crianças ainda não tinham manifestado interesse por um tema em específico.

Com isto, a estagiária entrou em estágio numa fase que em se discutia em toda a escola o tema "Cuidar". Este tema surge na sequência de uma história "*O meu corpo é uma casa*", história que pertence á Filosofia de vida para as crianças. A EB J.I./Azenha adotou o método de que todos os meses era discutido um tema em toda a escola e, assim, na Assembleia geral , onde se reúne toda a comunidade da escola e, se dá a conhecer o que aprenderam sobre determinado tema.

Na sala dos 3 anos falava-se de uma forma geral como poderíamos tratar do nosso corpo quando as próprias crianças começaram a falar do coração. Aqui a estagiária e a Educadora começaram a incentivar os alunos com "*E se construíssemos o nosso Corpo?*". As crianças ao início acharam esta ideia um pouco estranha porque não estavam a entender como tal seria possível. Contudo, a EB1.J.I./ Azenha foram assistir a uma peça de teatro sobre o Corpo Humano, o que permitiu à estagiária tirar partido dessa visita para a construção do Corpo Humano.

Inicialmente, para que a aquisição de conhecimentos fosse um trabalho contínuo e eficaz, em grande grupo e em forma de diálogo, a estagiária começou por tentar perceber o que as crianças já sabiam com perguntas como *Onde está o nosso coração? O que é o nosso coração? Como respiramos?*.



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PAULA FRASSINETTI
Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

| Áreas Curriculares | Atividades | Objetivos | Estratégias | Recursos |
|---------------------------|--------------------------------------|--|--------------------|---|
| | História "O meu Corpo é uma casa" | <ul style="list-style-type: none"> - Estimular a escuta ativa; - Conhecer o Corpo Humano; - Estimular a atenção e a memória; | | Biblioteca Power Point com a história |
| | Peça de teatro <i>O Corpo Humano</i> | <ul style="list-style-type: none"> - Estimular a atenção e a memória; - Conhecer o que é um teatro; - Conhecer o Corpo Humano de uma forma diferente; | | Exponor |
| | Construção do boneco | | | Cartão; Tesoura; Lápis; |
| | Construção dos órgãos | <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver conhecimentos sobre o corpo humano; - Desenvolver a capacidade de organização de ideias; | | Algodão; Massa branca; Palhas; Tintas; Jornal; Plasticina; |
| | Atividade dos cinco sentidos | <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver conhecimentos sobre o corpo humano | | |
| | Avaliação do projeto | <ul style="list-style-type: none"> - Despertar o conhecimento crítico; | | |



Imagem 1 - Planificação em rede do projeto *O Corpo Humano*



Imagem 2 - R. e M. a construírem o cérebro



Imagem 3 - J. a pintar o cérebro

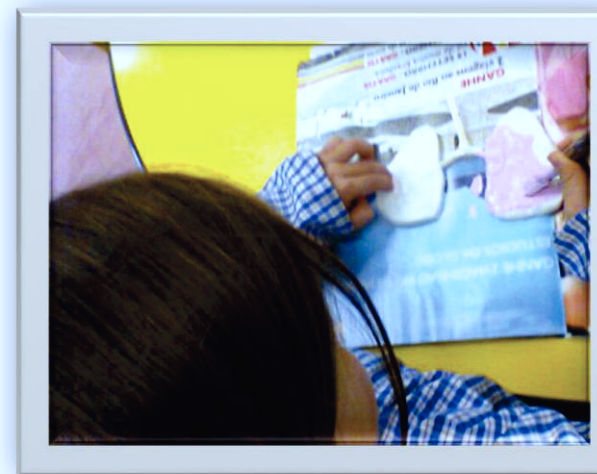


Imagem 4- Construção dos pulmões



Imagem 6 - B. a construir dos intestinos

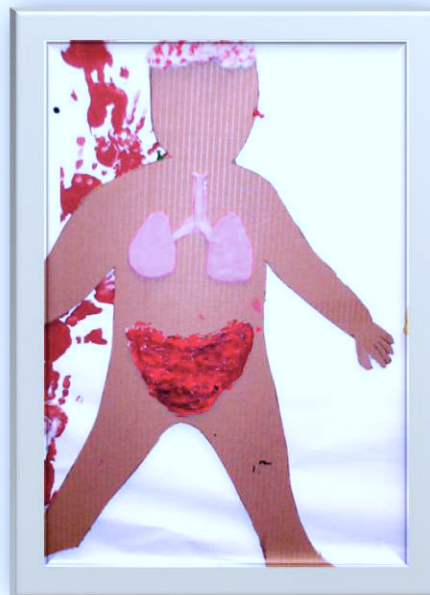
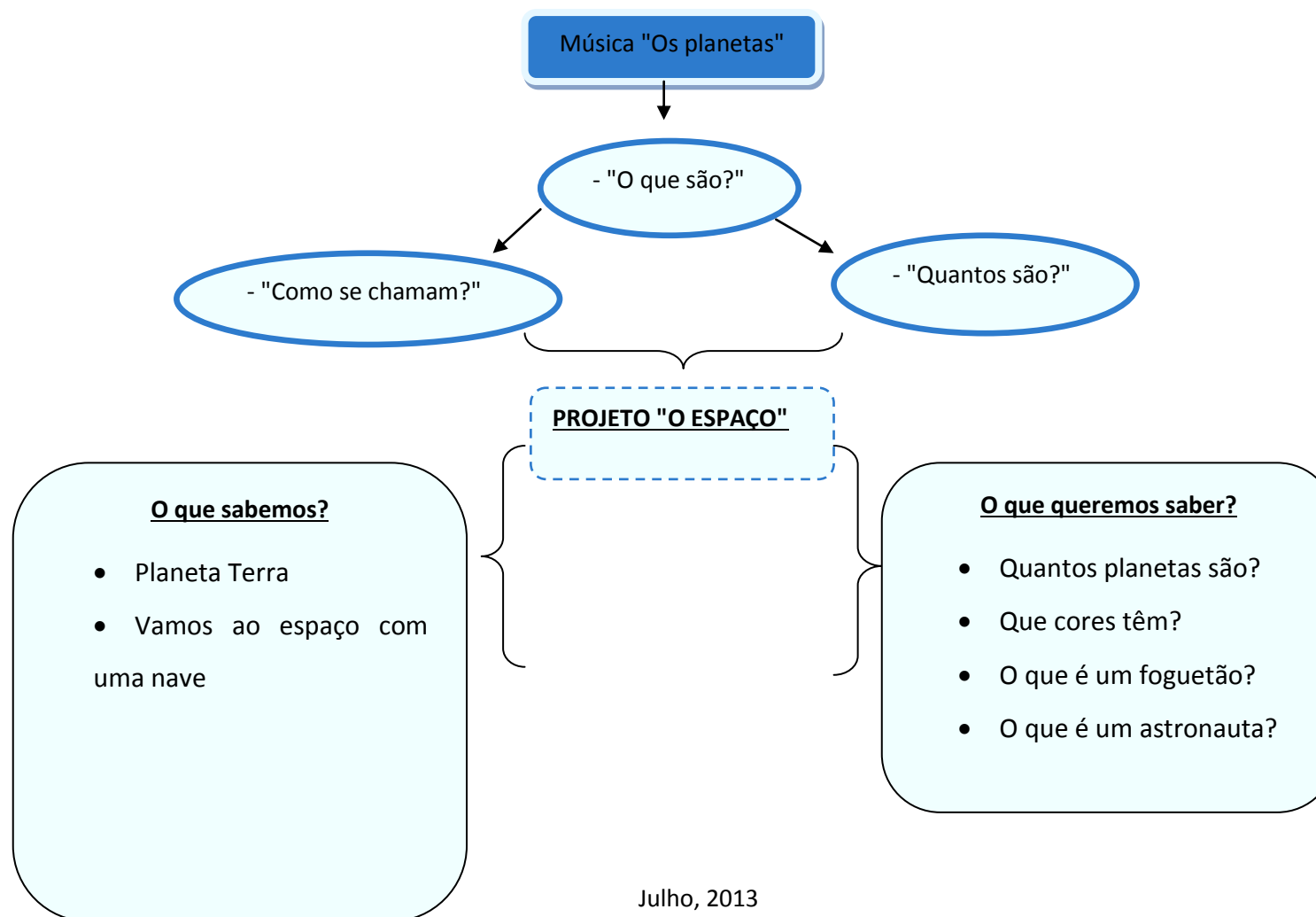
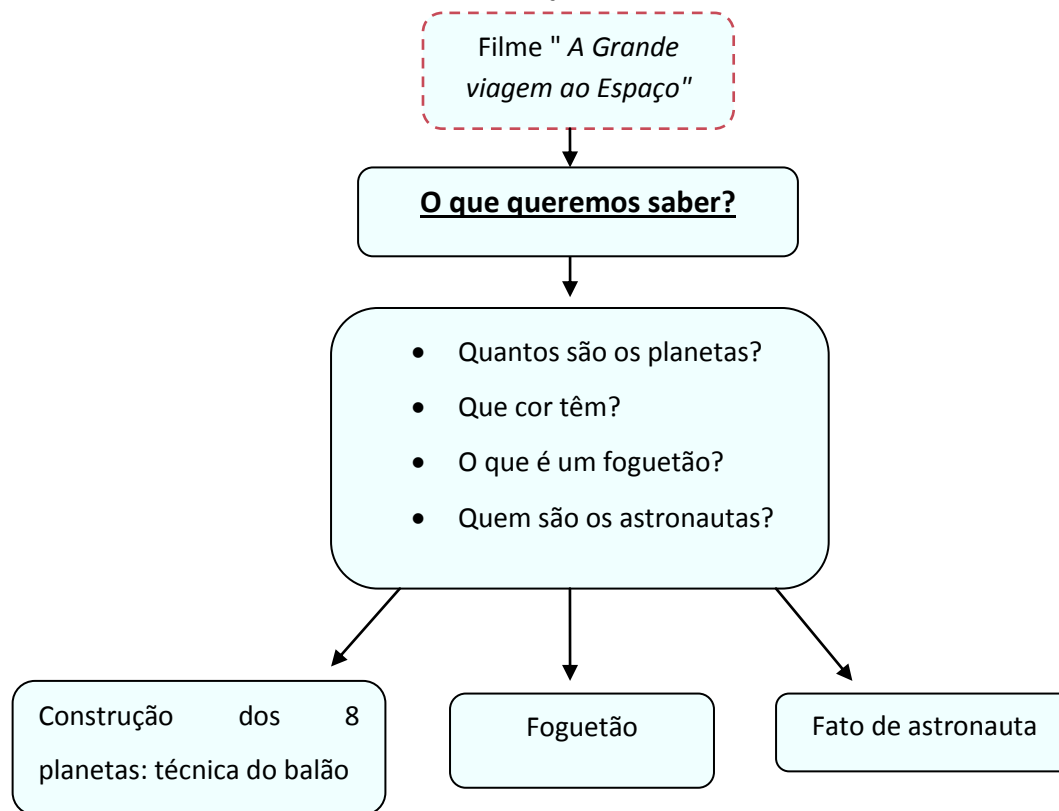


Imagem 7 - O Corpo Humano

Projeto - " O Espaço"





ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PAULA FRASSINETTI

Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

| Áreas Curriculares | Atividades | Objetivos | Estratégias | Recursos |
|--------------------|--|--|---|---|
| | Filme " A grande viagem ao espaço" | - Conhecer como é constituído o espaço; - Saber quantos planetas existem bem como os seus nomes; | - Em grande grupo; - Momento de acolhimento; | - Vídeo de "A grande viagem ao espaço" |
| | Planificação em rede " O que queremos saber?" | - Desenvolver a capacidade de seleção do que é mais importante; - Desenvolver o a atenção e o respeito pelas ideias dos outros; | - Grande grupo com a estagiária; - Questionar o que já sabem e o que querem saber; | - Cartolina; - Lápis de cor; |
| | Construção dos planetas | - Conhecer a forma dos planetas bem como a sua cor; | Em grande grupo com a estagiária; | - Balões onde a estagiária escreve a opinião de cada um; - Lápis para as crianças registarem o mesmo mas em desenho; |
| | Construção do foguetão | - Conhecer o meio da transporte para o Espaço; | - Em pequenos grupos com a estagiária; | - Dois cartões; - Papel cenário; - Fita cola; - Tintas; |
| | Leitura do livro "O segredo do sol e da lua"- A ida ao cinema | - Estimular a atenção e a memória; - Conhecer de uma melhor forma o Espaço; | - Em grande grupo com a Educadora e com a estagiária; - Biblioteca | - Livro e CD <i>O segredo do sol e da lua</i> |
| | Construção do fato de astronauta | - Conhecer o fato de astronauta e as suas diferenças; | - Em pequenos grupos com a Educadora e com a estagiária | |



Imagem 1 - Construção do foguetão



Imagem 2 - M. e G. a pintarem o foguetão



Imagem 3 - Planetas

Projeto escola - Espantalho



O projeto do espantalho surge na medida que toda a escola, na assembleia do mês de março, decidiram por unanimidade criar um espantalho para colocar na área de plantação no zona exterior da escola. Assim, as estagiárias aceitaram o desafio de criar um espantalho com a ajuda de todas as salas. Assim, para que todos participassem de uma forma ativa neste processo, as estagiárias decidiram dividir o a construção do espantalho por anos letivos.

Assembleia geral

Forma de proteger a nossa horta?

Espantalho

Camisola – sala dos 3 anos

Calças – sala dos 4 anos

Chapéu – sala dos 5 anos

Projeto de leitura - O fantocheiro

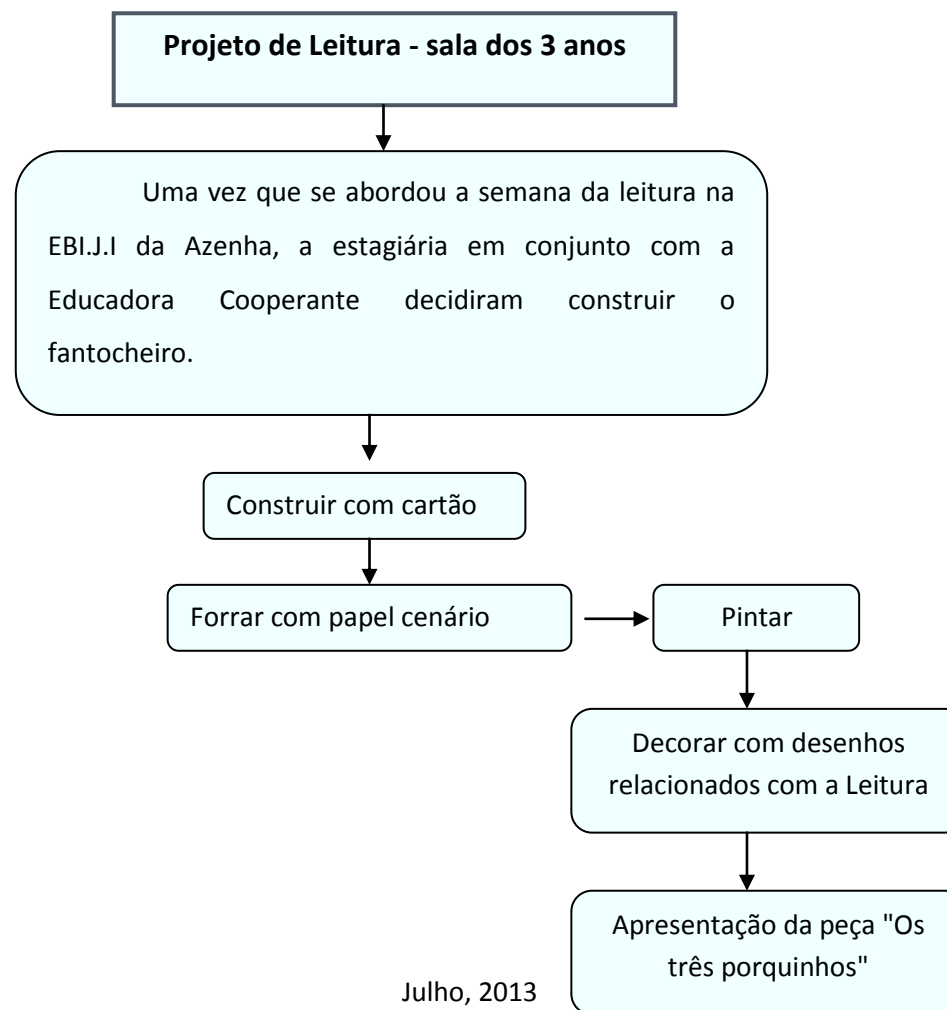




Imagem 1 - Crianças a pintar o fantocheiro



Imagem 2 - Fantocheiro antes de ser forrado com papel cenário

ANEXO 5


5.1 Ficha Formativa

| |
|--|
| Agrupamento XXXXXXXXXX |
| Nome: _____ |
| Data: _____ |

Matemática

1. Resolve o seguinte problema:

Com base nas pistas que cada criança te dá, descobre a idade de cada uma.



Eu tenho 6 anos!

Eu sou 2 anos mais nova que a Rita.

A minha idade é igual à soma das idades da Rita e da Luísa

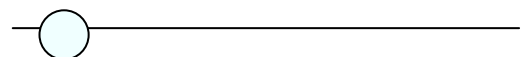
Escreve as idades dos três amigos.

| | Rita | Luísa | Rui |
|-------|------|-------|-----|
| Idade | | | |

2. Resolve:

O Nuno tem 1 balão amarelo e 2 azuis.

Quantos balões tem o Nuno?



Completa:

$$\square \bigcirc \square = \square$$

Resposta: O Nuno tem balões.

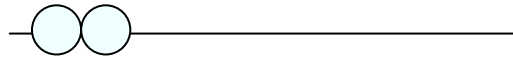
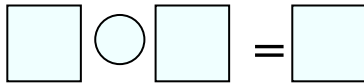
3. Observa, completa e responde.

- Quantas flores há?



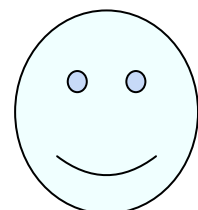
Há flores.

- Desenha mais duas flores. Quantas flores ficaram ?



Resposta: Ficaram flores.

Bom trabalho!



ANEXOS 6.

Caracterização dos grupos - famílias

6.1 Caracterização das famílias de EPE

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 1997:32), *cada criança tem uma família - pais ou seus substitutos- que é diferente-composição, características sócio - económicas e culturais*. Assim sendo, a estagiária achou pertinente, com a autorização da sua Educadora Cooperante, proceder à caracterização da família das crianças com base nas fichas da anamnese para uma caracterização fidedigna.

No que respeita a este grupo de crianças de Educação Pré-Escolar, era um grupo de 18 crianças (11 do género masculino e 7 do género feminino) com idades compreendidas entre os 3 e os 4 anos. No que concerne a este grupo, através da análise de dados que a estagiária mencionou anteriormente, pôde-se constatar que cerca de 36 encarregados de educação estão empregados, enquanto que, 3 encarregados de educação encontram-se desempregados. No que respeita às habilitações literárias, cerca de 13 dividem-se entre uma licenciatura e o 11º e o 12º ano de escolaridade. Os restantes EE possuem apenas o 2º ou o 3º Ciclo.

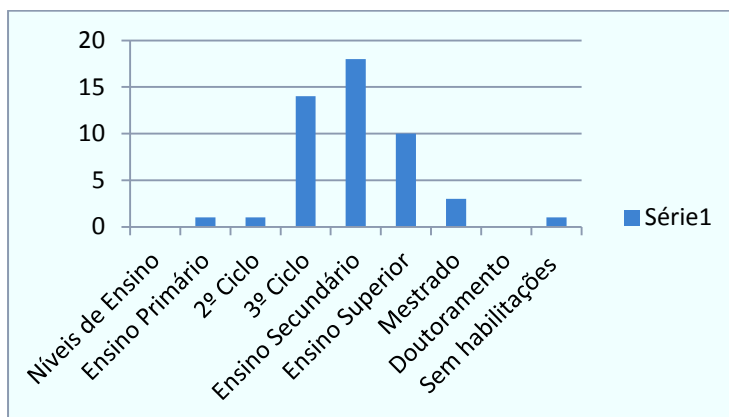
6.2 Caracterização das famílias de EB

Relativamente à questão familiar, a estagiária pôde constatar, através da análise de dados, que existem entre 30 a 35 pais empregados e de 10 a 15 desempregados. Em relação aos níveis de ensino, a grande parte dos pais divide-se entre o 3º Ciclo e o Ensino Secundário, enquanto que, cerca de 10 pais concluíram um curso superior e os restantes pais dividem-se entre o Ensino Primário (atual 1ºCEB), 2º Ciclo e Mestrado.

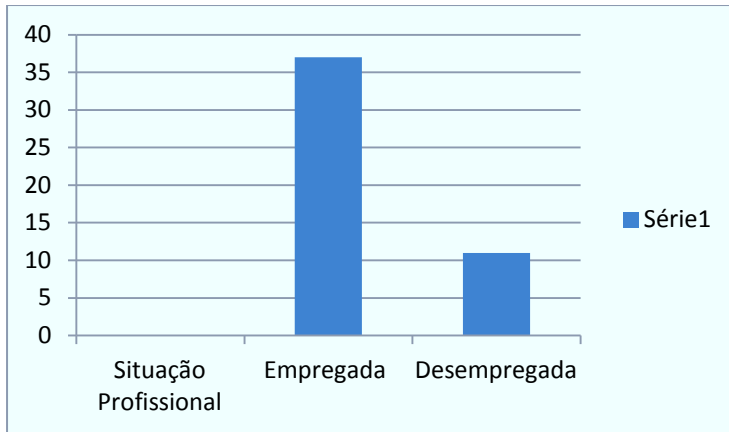
Alunos que frequentam as AEC'S



Situação Familiar



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PAULA FRASSINETTI
Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico



ANEXO 7

Circular enviada aos EE em EPE

Pedido

Caros Pais/ Encarregados de Educação,

Como já sabem estamos num processo de construção do cantinho da música e, uma vez que vamos construir os instrumentos musicais, seria desejável que cada criança tivesse uma caixa só sua para guardar os mesmos. Para isso pedimos encarecidamente que cada família construa uma caixinha, por exemplo, uma caixa de sapatos e que a decore ao seu gosto,

Mais uma vez obrigada pelo vosso contributo,



ANEXO 8

REFLEXÕES

8.1 Reflexão Planificação

"Tal como está descrito no Decreto-Lei 241/2001 de 30 de Agosto, o educador de infância planifica a intervenção educativa de forma integrada e flexível, tendo em conta os dados recolhidos na observação e na avaliação. Remetendo para o estágio, a estagiária percebeu rapidamente que uma planificação nunca é cumprida na totalidade, ou porque surgem outros interesses das crianças ou porque simplesmente não há tempo suficiente naquele dia. Como refere nas Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar, é importante que o educador planifique atividades com as crianças, momentos onde elas possam dizer o que gostavam de aprender e fazer, assim, a partir daqui o educador planificará atividades tendo em conta sempre os interesses das crianças. "

8.2 Reflexão Quadro dos responsáveis

No decorrer do estágio foram surgindo momentos em que a estagiária e a educadora recorriam sempre às crianças para as ajudar, como em momentos de distribuição das fotografias para o quadro das presenças como para a distribuição dos instrumentos musicais.

Segundo as Orientações Curriculares de Educação Pré-Escolar *a aprendizagem da vida democrática implica que o educador proporcione condições para a formação do grupo, criando situações diversificadas de conhecimento, atenção e respeito pelo outro.* (Orientações Curriculares de Pré-Escolar, pág 36). É importante que as crianças possuam momentos de responsabilidade não só para desenvolver a sua capacidade de responsabilidade mas também para que consigam desenvolver a capacidade de respeito pelo outro, como refere no documento das Orientações Curriculares, *a participação de cada criança e do grupo no processo educativo através de oportunidades de cooperação, decisão em comum de regras coletivas indispensáveis à vida social e distribuição de tarefas necessárias à vida coletiva constituem outras experiências de vida democrática proporcionadas pelo grupo.* (Orientações Curriculares do Pré-Escolar, pág 36).

Na sala dos três anos existia o problema de quererem ser sempre as mesmas crianças a prestar o papel de responsável por determinada atividade assim, chegamos todos a acordo que deveríamos construir um quadro dos responsáveis para que todas as crianças tivessem a mesma oportunidade.



Imagem 1 - Quadro dos responsáveis

Este quadro foi construído em grande grupo com a estagiária. Colocamos a fotografia de cada criança com o respetivo nome. Para que algumas tarefas não demorassem muito tempo, em vez de existir um responsável por dia, passaram a ser dois responsáveis. Neste momento de construção do quadro foi transmitido às crianças a noção que duas crianças formam um par e qual o papel fundamental dos responsáveis.

No primeiro dia em que colocamos em prática tornou-se complicado que as crianças se lembrassem ao longo do dia quais eram os responsáveis, assim a estagiária decidiu colocar um crachá em cada responsável para ser mais fácil a identificação dos mesmos.

8.3 Reflexão da organização do espaço e do tempo

A sala dos 3 anos encontra-se dividida pelas seguintes áreas de trabalho: Área da casinha, Área dos Jogos, Área da biblioteca, Área da Garagem, Área das ferramentas e a Área da Plástica. O educador deverá organizar o espaço da sala com base *nas intenções educativas e da dinâmica do grupo* uma vez que torna-se *indispensável que o educador se interogue sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização* (pág.37). Na sala dos 3 anos todo o material de trabalho está disponível às crianças o que lhes permite serem autónomos e responsáveis pelas suas atitudes. O papel do educador acarreta assim uma grande responsabilidade uma vez que, se torna indispensável que *o educador se interogue sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planear e a fundamentar as razões dessa organização*. O facto do profissional da educação, neste caso em concerto, um educador de infância,

estar me permanente reflexão e observação, permite que o espaço vá sendo moldado consoante as necessidades e a evolução do grupo. Ao longo deste tempo que decorreu o estágio, a determinada altura, a estagiária percebeu que a Área da biblioteca já não estava a ser o suficientemente motivadora para as crianças. Assim, na sequência de outras aprendizagens que estavam a ser adquiridas, a educadora e a estagiária sugeriram às crianças a construção de um fantocheiro. No dia em que as crianças puderam explorar o mesmo, a motivação de ir para a Área da Biblioteca foi totalmente diferente.

Segundo as Orientações Curriculares de Educação Pré-Escolar e, pelo que a aluna experienciou, *o espaço exterior do estabelecimento de educação pré-escolar é igualmente um espaço educativo. Pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer, merece a mesma atenção do educador que o espaço exterior.* A estagiária procurou sempre fazer parte das brincadeiras das crianças no espaço exterior, mesmo sendo apenas passear pelo jardim ou partilhar de brincadeiras como escondidas e corridas.

Em relação à organização do tempo, *o tempo educativo - contempla de forma equilibrada diversos ritmos e tipos de atividade em diferentes situações - individual, com outra criança, com um pequeno grupo, com todo o grupo - e permite oportunidades de aprendizagem diversificadas, tendo em conta as diferentes áreas de conteúdo.*

Segundo as OCEPE, a organização do espaço e a utilização do tempo em cada sala da EPE estão interligadas e, sua articulação deverá estar adequada às características tanto do grande grupo como às necessidades de cada criança. O facto de a rotina ser planeada pelo educador e pelas crianças, acaba por ser uma grande vantagem, uma vez que já é do conhecimento das crianças *o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propôr modificações* (OCEPE, 1997:42).

Instituição B

A organização dos espaços no 1ºCEB embora de igual importância acaba por ser menos apelativa do que na Educação Pré -Escolar. Segundo Serra (2004:110) *é menos agradável, não existem normalmente, brinquedos expostos, as crianças*

tornam-se mais individualistas, dado que cada uma tem o seu material e não existe uma atmosfera própria ao diálogo. Assim sendo, na sala do 1º Ano todos os alunos tinham o seu material de estudo, desde livros aos lápis de cor. No entanto, tanto as estagiárias como a professora sempre trabalharam no sentido de as crianças não se tornarem individualistas, uma vez que o espírito de ajudar os outros esteve sempre presente na sala de aula.

8.4 Reflexão Envolvimento Parental

"Uma vez que os alunos da sala dos 3 anos sempre revelaram grande interesse na área de expressão musical, a educadora procurou que um dos encarregados de educação, sendo professor de música, pudesse partilhar alguns dos seus conhecimentos com os nossos alunos. Assim, durante umas semanas, este pai, nos momentos de acolhimento ensinava-nos algumas músicas o que permitia que as crianças desfrutassem de uns momentos de aprendizagem diferentes. Posteriormente, aproveitando o interesse e a vontade das crianças foi decido construir um cantinho da música na sala. Foi enviado a todos os encarregados de educação uma circular, (ANEXO - CIRCULAR), para que ajudassem na construção da mesma. O resultado foi bastante positivo visto que todas as crianças levaram para a sala o que foi pedido e com materiais bastante diferentes."

ANEXOS 9

AVALIAÇÕES DE ATIVIDADES

9.1 Avaliação da atividade - Identificação das áreas e os respetivos colares

Quando a estagiária iniciou o estágio demorou pouco tempo a perceber que, no momento de explorar as áreas, se tornava um momento complicado em decidir quem é que ia para cada área. Após algum tempo de observação e de conversas com as crianças, onde tentava explicar que não podiam ir todos para as mesmas áreas, a educadora e a estagiária decidiram que seria melhor implementar algo de novo na sala que resolvesse este pequeno problema. Assim, decidimos em unanimidade (educadora, crianças e estagiária), implementar o uso dos colares na sala. Esta estratégia passa por identificar cada área da sala com um placar com o nome da área e a respetiva imagem. Consoante o espaço da área e o tipo de brincadeiras que podem ser feitas, decidimos em conjunto o número de crianças que poderia estar em cada área. Num momento da manhã, com a ajuda das crianças, a estagiária apresentou os cartões (com nome da área e a imagem) e, por associação, as crianças foram conseguindo identificar cada área à respetiva placa. Posto isto, consoante o número de colares que havia em cada área (os colares têm a imagem igual à da placa), já sabiam quantas crianças poderiam estar em cada área.

No início a estagiária tinha que os ajudar, dando a palavra a cada um para escolher a sua área e assim sucessivamente. No entanto, com o passar do tempo e

Imagem 1 - J. com o colar da



com a habituação a esta ideia, eles próprios já se dirigiam para as áreas e chamavam à atenção uns aos outros: " *Para esta já não podes ir, acabaram os colares.*" Com certeza que existiram outros métodos para resolver este problema, no entanto, no ponto de vista da estagiária foi uma ideia bem sucedida uma vez que todas as crianças conseguiram perceber o objetivo dos colares e

acima de tudo respeitavam.

9.2 Avaliação da atividade Quadro das regras da sala de aula

Na sala dos 3 anos já existia um quadro de regras a cumprir, no entanto esse quadro era apenas escrito pela Educadora sem qualquer imagem. A estagiária num momento de planificação conjunta com a Educadora procurou saber o seu parecer sobre melhorar o quadro das regras. Com a aprovação da Educadora, a estagiária reformulou juntamente com as crianças de forma a que se ficasse um quadro legível para elas. Assim, a estagiária procurou ler e rever o que tinham escrito anteriormente e, conseqüentemente, as crianças tinham que selecionar a fotografia correspondente.

Esta atividade, no ponto de vista da estagiária, correu muito bem porque todas as crianças souberam explicar de forma clara o que era correto e errado de se fazer dentro da sala. Posteriormente a esta atividade, a estagiária pôde ver por diversas vezes as crianças a chamarem-se à atenção umas às outras por estarem a infringir alguma das regras. Aqui, pôde verificar que o objetivo desta atividade tinha sido concretizado uma vez que assimilaram o que era correto e errado, sabendo explicar corretamente.

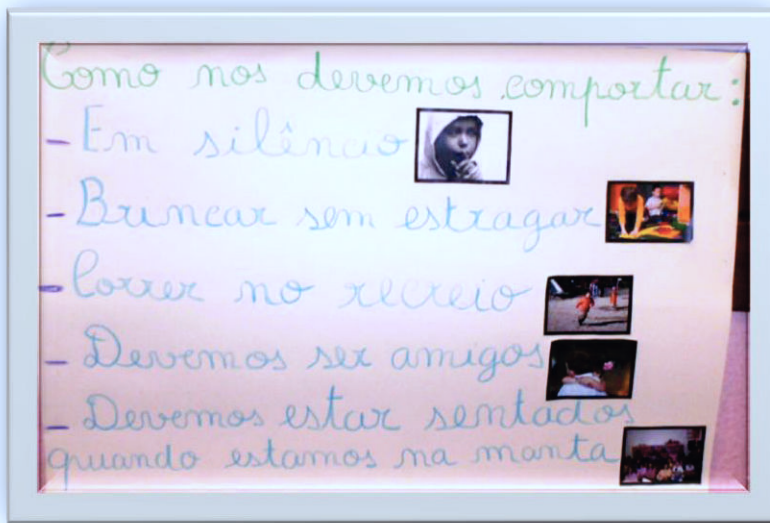


Imagem 2 - Quadro das regras

9.3 Avaliação da atividade "O pequeno azul e o pequeno amarelo"

Uma vez que na sala dos 3 anos se abordava o assunto das cores, a estagiária proporcionou às crianças um momento de "Vamos ser cientistas". Nesta manhã a estagiária explicou previamente o que se iria suceder e todas as crianças se mostraram bastante curiosas. Primeiramente, vimos um filme que ilustrava a história "O pequeno azul e o pequeno amarelo". A estagiária, no final do filme questionou-os sobre o que tinha acontecido e eles responderam corretamente mas achavam que seria impossível duas cores juntas originarem uma cor nova. Com esta dúvida, passamos para o momento seguinte que seria onde cada criança seria um grande cientista e iria descobrir se era possível ou não. A estagiária colocou em cada folha um pouco de tinta azul e amarela e, quando todos estivessem prontos começavam a misturar. À medida que a cor verde foi aparecendo, as reações de admiração foram fantásticas: "*Diana, é verdade, ficou verde.*".

Esta atividade, no ponto de vista da estagiária, correu muito bem. Todas as crianças estavam curiosas por saber o resultado final e, por isso, empenharam-se na atividade em causa.



Imagem 3 - Momento em que verificava se a cor final seria o

9.4 Avaliação da atividade "B.I"



Imagem 4 - Conclusão da atividade
Construção do nosso BI

9.5 Avaliação da atividade dos sólidos geométricos

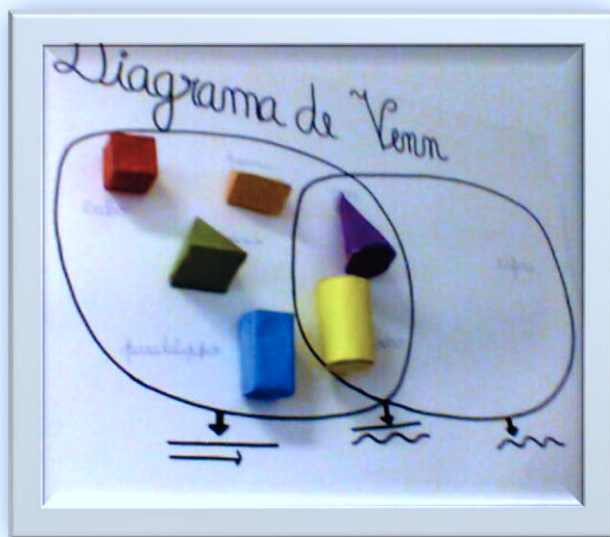


Imagem 5- Diagrama de Venn - Sólidos
geométricos

9.6 Avaliação da planificação com as crianças "O Corpo Humano"



Imagem 6- Planificação feita com as
crianças em EPE

9.6 Avaliação da construção do fantocheiro



Imagem 7 - Exploração do fantocheiro

9.7 Avaliação da projeto "O Corpo humano"



Imagem 8 - Avaliação do projeto - Corpo Humano

9.8 Autoavaliação dos alunos nas fichas formativas

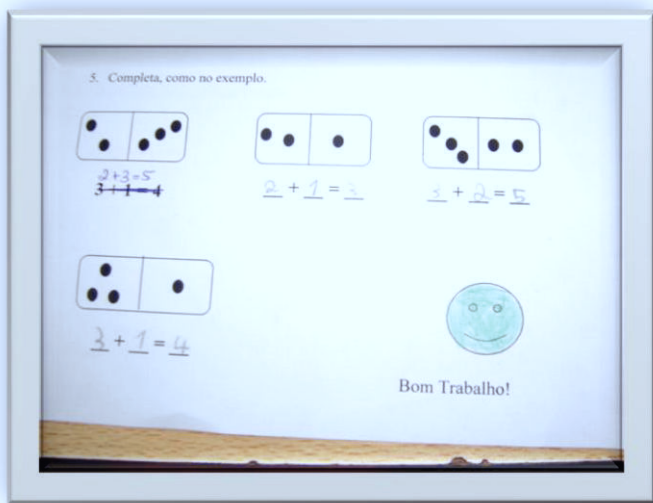


Imagem 9 - Autoavaliação dos alunos

9.10 Avaliação da atividade "A maior flor do mundo"



Imagem 9 - Avaliação formativa do registo da história "A maior flor do mundo"

ANEXO 10

FOTOGRAFIAS



Imagem 1- Aluno X a participar na construção do gráfico

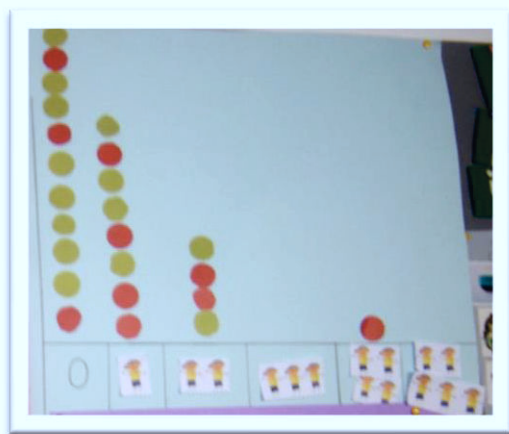


Imagem 2- Gráfico dos irmãos



Imagem 3 - Momento em que os alunos se comparam fisicamente



Imagem 4 - Trabalho de um trabalho em grupo



Imagem 5 - Momento de escrita



Imagem 6 - Construção do instrumento musical reco-reco

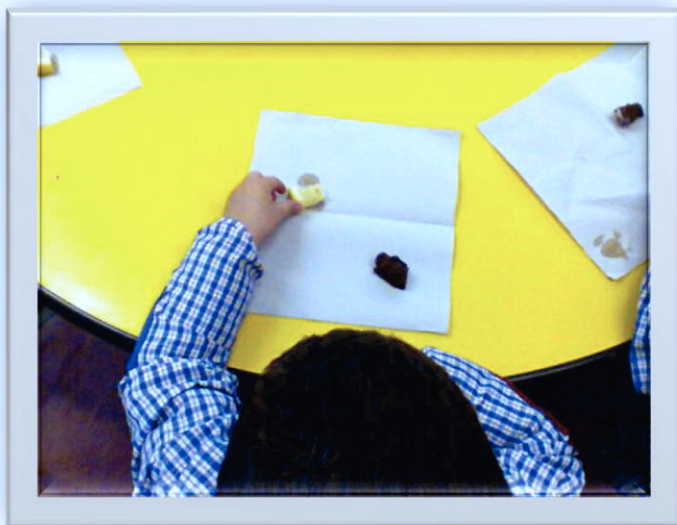


Imagem 7 e 8- Atividade dos cinco sentidos



Imagem 9 - Manhã de expressão musical com um EE;



Imagem 10 - Visita do capuchinho vermelho

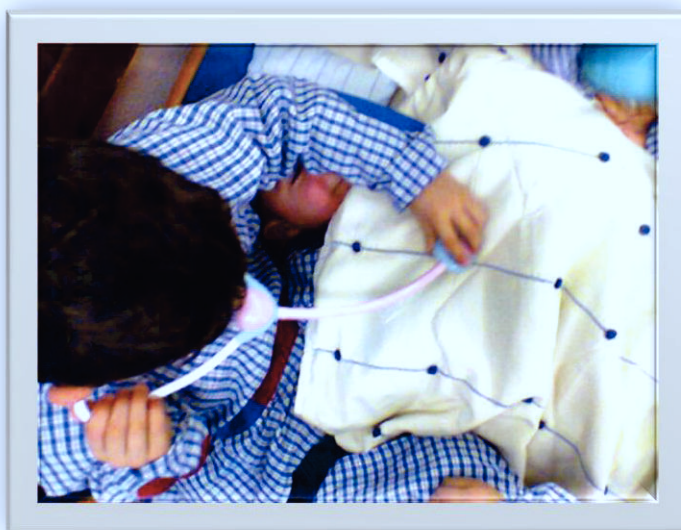


Imagem 11 - Faz-de-conta



Imagem 12 - Momento de acolhimento - Expressão Musical



Imagem 13 -J. num momento de



Imagem 14 - Criança a interagir



Imagem 15 - Criança a interagir
com a estagiária e com outras
crianças

ERRATA

Diana Filipa Silva Moreira, *A simbiose da educação- Aprender a ensinar, aprender a aprender em Educação Pré-Escolar e ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico*, julho 2013

| Página | Linha | O que se lê | Deve-se ler |
|--------|-------|---|---|
| 15 | 27 | Dec-lei nº 240/2001 de 30 de Agosto | Dec-lei nº 241/2001 de 30 de Agosto |
| 16 | 32 | Dec-lei nº 43/2001 de 22 de fevereiro | Dec-lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro |
| 35 | 15 | Intervenção no Contexto de Educação Pré-Escolar | Intervenção no Contexto de Educação Pré-Escolar e ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico |